

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE FILOLOGIA — N.º 2

SERAFIM DA SILVA NETO

Manual de Filologia Portuguesa

HISTÓRIA. PROBLEMAS. MÉTODOS.

2.^a edição melhorada e acrescentada.



LIVRARIA ACADÊMICA
R. Miguel Couto, 49 — RIO DE JANEIRO
1957



I

HISTÓRIA

“Mas a minha pessoa não é nada para mim, nem o são os meus livros desde que os escrevi; em vez de ver reproduzido o que neles pus, prefiro ver surgir frutos novos. Basta-me que se faça justiça à legitimidade dos meus esforços.

Nada mais afitivo para quem pensa e estuda a sério do que as duas coisas seguintes: reconhecer que não o entendem ou ver que estão exactamente d'acordo com ele”. (F. A. C., *Noticias Filológicas*, 1885, página 10).

Francisco Adolfo Coelho, a quem devemos a introdução, em Portugal, dos modernos métodos filológicos, nasceu em Coimbra aos 15 de Janeiro de 1847 e morreu em Lisboa aos 9 de Fevereiro de 1919.

A sua longa vida foi eloquente exemplo de combate à rotina, perniciososa e arbitraria, que afogava e inutilizava o estudo de nossa língua. Portugal continuava com os Leonis e os Madureiras, enquanto lá fora, na Alemanha, na Inglaterra e na França, os Bopps, os Diezs, os Paris, os Max Müllers revolucionavam os métodos filológicos.

Por isso, em 1868, embora muito jovem ainda (apenas contava vinte e um anos) Francisco Adolfo Coelho surpreendia e aterrava o meio intelectual português com o seu livro de combate: *A língua portuguesa*, Coimbra, XXI — 136 págs.

Nele introduzira as novas ideias, inaugurando, com relação à língua portuguesa, os sadios princípios que Friedrich

Diez applicara às línguas neo-latinas. De facto, o Mestre de Bonn já publicara em 1836/8 a *Grammatik der romanischen Sprachen*, que completara, em 1854, com o *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*.

O jovem romanista português não encontrou, porém, caminho plano e fácil. É mesmo natural que experimentasse, de começo, muitas decepções, pois a sua avidez de conhecimentos e a serenidade do seu espírito chocavam-se com a vaidade de alguns sabedores oficiais. Eis como ele, em 1872, sospesava a clava julgadora:

“Entre os nossos sábios oficiais não há um só orientalista, nem um só homem que saiba pelo menos sâncrito. Nos estudos de filologia clássica os nossos académicos são duma ignorância a toda a prova, como provam as *Inscriptiones Portugaliae*, já julgadas convenientemente por Hübner, e as preleções do Sr. Viale, que imagina que traduzir grego e latim e saber de cor passagens de poetas antigos e modernos e ter lido muito com os olhos é ser sábio”.

Essa falta de ambiente devia-se, em grande parte, a não haver Faculdade de Letras, onde metódicamente se ensinassem e estudassem as disciplinas filológicas. Tão sensível lacuna foi preenchida em 1878, quando o deputado Júlio de Vilhena apresentou um projecto de lei, criando no Curso Superior de Letras uma cadeira de Linguística Indo-Europeia, especialmente românica. Era ainda muito pouco: mas, em todo o caso, sempre representava um começo.

A proposição foi calorosamente aplaudida pela fina flor da intelectualidade portuguesa. Trinta e quatro professores e escritores entre os quais Antero, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Latino Coelho, João de Deus, Joaquim de Vasconcelos e D. Carolina Michaëlis (que assinava,

também, em nome dos conhecidos romanistas A. Tobler, G. Gröber e W. Stork) dirigiram às Cortes uma representação de entusiasmado apoio ao projecto. Entre outras coisas, salientavam:

“O Governo Português nada terá que despender para habilitar professor para essa cadeira. A ciência estrangeira, a mais competente para julgar das applicações dos métodos por ela criados, reconhece num linguista português, Francisco Adolfo Coelho, a competência necessária para professar aquela disciplina”.

Com tais recomendações, não surpreende que o Mestre obtivesse a desejada nomeação. Na cátedra saiu-se, como era de esperar, às mil maravilhas. Eis o testemunho do Dr Agostinho Fortes:

“O que representou o trabalho de Adolfo Coelho na regência da sua cadeira que, com diversas designações posteriores, regeu até à morte, só o podem apreciar com exactidão os que saibam e possam avaliar o largo voo e desenvolvimento extraordinário, que adquiriram e mantem brilhantemente os trabalhos filológicos entre nós. Não há aí ninguém que não tivesse recebido de Adolfo Coelho o ensinamento, o bom conselho, a lição fecunda e frutífera no campo filológico”. (In *A Língua portuguesa*, I, pág. 205).

*

* *

Pela sua própria natureza, tão combativa e aguerrida, a vida científica de Adolfo Coelho está longe de ter sido serena e ordenada.

Ele tinha de enveredar por vários campos, de forma que, muitas vezes, abandonava obras começadas ou ainda em pro-

jecto. Lembremos a prometida *Grammaire historique de la langue portugaise* (seria publicada em Heilbronn, em 1882) que jamais saiu a lume.

Além disso, Adolfo Coelho era pessoa muito sensível e irritável, mais pronta a demolir e profligar erros do que a construir verdades. Bastará notar um facto, que me parece típico.

Em 1871, certo grupo de jovens intelectuais reuniu-se com o fim de promover conferências públicas no *Cassino Lisbonense*. Falaram Antero de Quental (duas vezes), Soromenho e Eça de Queirós na melhor paz e ordem. Por fim vai Adolfo Coelho estudar a "Questão do Ensino": sobe à tribuna em 19 de junho.

Eis o que expôs, e o epílogo, narrados pelo Sr. António Cabral:

"... combateu com violência as imoralidades, defeitos e absurdos que ele descobriu no sistema de ensino, regulador, entre nós, da instrução secundária e superior. Atacou impetuosamente os Liceus, e Universidade e o Curso Superior de Letras. Taxou ⁽¹⁾ de inepto e ignorante o professorado português, especialmente o da Universidade. Censurou, por serem acanhadas, todas as reformas de ensino e julgou um desperdício injustificável o dinheiro dispendido com a instrução pública, visto que

(1) Respeitou-se a grafia do autor citado, que escreve *taxar* (com *x*); mas a boa escrita desse verbo, na significação de "notar defeito em", é *tachar* (com *ch*), pois trata-se de um derivado de *tacha*, "defeito" e este é um empréstimo ao francês *tache*, de origem germânica: v. Gamillscheg, *Etym. Wört. der fr. Sprache*, 1928, pág. 828. Com efeito, a grafia antiga (séculos XV e XVI) numa época em que na língua escrita não se confundiriam *x* e *ch*, é sempre *tachar*: cf. *Boosco delectoso* (ed. Pe Augusto Magne, Rio, 1950, pág. 254); frei Heitor Pinto *Imagem da vida cristã*, 2.^a impressão, Coimbra, 1956, fl. 320.

esta nenhum alcance tinha para a prosperidade da nação. Tão agressivo foi, o sr. Adolfo Coelho, que o comissário de polícia, Antonio Paulo Rangel, entendeu ser imperioso e impreterível dever seu comunicar ao governador civil de Lisboa, em harmonia com as instruções que recebera, a súmula do discurso que ouvira". (*Eça de Queirós*, 1916, págs. 132/3).

A consequência foi a proibição dessas preleções públicas, por nelas se exporem "doutrinas e proposições que atacavam a religião e as instituições políticas do Estado".

Os melhores trabalhos de Adolfo Coelho não são os mais conhecidos. Não são nem a *Teoria da Conjugação* (1871) nem as *Questões da Língua Portuguesa* (1874) nem, muito menos, o *Dicionário Etimológico* (1895) ⁽¹⁾.

São, pelo contrário, o sólido livro sobre os Ciganos, os artigos, em várias revistas, sobre as influências étnicas, sobre os crioulos, sobre a analogia, sobre o estudo das palavras aliado ao das coisas, etc.

Em 1880, depois de haver escrito várias obras de doutrina e numerosos opúsculos de polémica, o seu espírito foi levado a estudar um campo quase virgem, mesmo fora de Portugal: os falares crioulos.

O seu primeiro artigo, *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América* (1880) contém amplos mate-

(1) Este último é, mesmo, das piores coisas que trazem o nome de Adolfo Coelho. Segundo o testemunho de Pedro de Azevedo, cuja probidade não pode ser posta em dúvida, ele foi compilado por dois indivíduos e Adolfo Coelho apenas se limitou a acrescentar (da maneira superficial e imperfeita que conhecemos) as etimologias. (Cf. os *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, vi, 1925, pág. 179).

Essa versão dos factos é corroborada pela informação, de Mendes dos Remédios, de que Adolfo Coelho recolhia os exemplares que achava no mercado (*Rev. de língua portuguesa*, 19, pág. 111).

riais acerca do caboverdiano, do guinêense, do ceilonês, do malaquês, do macaista, do português do Brasil e, fora de nosso campo, do crioulo espanhol de Curaçau (papiamento), do espanhol falado nos campos de Buenos Aires e Montevideú, do crioulo francês da ilha Maurícia, do crioulo francês da Luísiãna, do crioulo francês da Guiana, do crioulo francês da ilha de São Domingos, do crioulo francês da Trindade, do crioulo francês da Martinica e, finalmente, da *língua franca*.

Com tão vasta documentação e tão pronunciado espírito teóricico, não é de estranhar que Adolfo Coelho se abalancasse a considerações gerais, expondo em dois princípios a formação dos crioulos:

1. *Os dialectos românicos e crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estádios na aquisição de uma língua estrangeira por um povo que fala ou falou outra.*

2. *Os dialectos românico-crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a origem à acção de leis psicológicas ou fisiológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos.*

A essas teses veio opor-se uma outra, do sábio francês Luciano Adam, segundo a qual os *crioulos* representariam a mistura de vocabulário românico com gramática indígena.

Essa teoria encontrou larga repercussão, apesar de ser visivelmente infeliz e não representar, de modo nenhum, a realidade dos factos ⁽¹⁾.

Hoje, porém, são os próprios filólogos franceses e alemães que reconhecem a superioridade da concepção de Adolfo Coelho. O Prof. Meyer-Lübke reconhece, por exemplo, que

(1) Veja-se, a esse propósito, o que escrevemos em nosso artigo *Falares Crioulos*, publicado na *Brasília*, v, 1949, págs. 12-19 da separata.

“...Kreolisch: ein Radebrechen einer fremden Sprache, die, im Verkehr von zumeist ganz Ungebildeten gelernt, nur den einfachsten Verkehrsbedürfnissen genügen muss, daher sie sich mit den einfachsten Ausdrucksmitteln, behilft, *wie namentlich Coelho von allem Anfang an gelehrt hat*”. (*Einführung*², 1920, págs 15/6).

Ferdinand Brunot, que expõe as duas teorias, de Adam e de Coelho, faz justiça ao filólogo português: “Il existe une étude déjà ancienne, mais fondamentale, des patois créoles, c'est celle de Adolphe Coelho”. (*Histoire de la langue française*, VIII, 1935, pág. 1136).

O interesse pelos falares ultramarinos forçosamente o levaria a estudar o português do Brasil. Em 1880 estava inteiramente inexplorado esse vasto campo da dialectologia portuguesa, mas a Adolfo Coelho não escapava a clara visão do problema:

“O Brasil... oferece um campo vasto à alteração do português, à qual se opõe porém a extensão crescente da literatura, e especialmente do jornalismo. Como o domínio literário da velha metrópole europeia não cessou com o domínio político, a linguagem literária do grande império da América meridional não se afasta senão nalgumas peculiaridades de importância secundária do português da Europa. A linguagem falada distingue-se, já na boca dos mais instruídos, por essa entoação geral, por essa tendência determinada para tornar abertas todas as vogais átonas, por esse amor do iotacismo, que nos fazem reconhecer ao fim da primeira frase pronunciada por um brasileiro... a sua proveniência. Na linguagem popular, especialmente das províncias, na linguagem dos *matutos*, notam-se modificações fonéticas mais consideráveis, a mais geral das quais é a supressão do *r* final...”

Alguns anos mais tarde voltava ao assunto:

“O Brasil pelas condições glóticas em que se acha é um país que naturalmente leva para os estudos filológicos; dum lado vê-se a língua da mãe pátria que os literatos e doutos tentam em geral

escrever e falar com a possível correção sob o ponto de vista do uso da antiga metrópole, o que conduz ao estudo do português nas suas fontes clássicas, à manutenção das relações intelectuais entre Portugal e Brasil; doutro surgem os dialetos indígenas, tupi-guarani, língua dos botocudos, etc., que circunstâncias de todo o gênero levam a estudar por si e nas suas relações com as outras línguas americanas; além aparecem as colônias estrangeiras, e especialmente as de origem alemã, suscitando o conhecimento de línguas europeas distintas da dos primeiros colonizadores; as línguas africanas chamam ainda a atenção e, não sei se diga por baixo, se por cima de tudo isto, aparece a linguagem peculiar dos cidadãos brasileiros, o dialeto brasileiro se assim se lhe quer chamar, o português alterado no Brasil pela acção de causas tão complicadas como são a mistura étnica, o contacto com línguas diversas que persistem ou desaparecem (como é o caso com os dialetos do elemento negro da população), o clima, a distância da sede originária, e ainda outras, a cada uma das quais, é na maior parte dos casos bem difícil de atribuir o papel que lhe compete. Infelizmente, se a língua portuguesa literária não tem sido descurada pelos brasileiros, devendo-se até a um Brasileiro, Antonio de Moraes e Silva, o dicionário português que, depois do de Bluteau que ele resumia e completava, tem sido a base de todos os dicionários portugueses publicados, se o estudo do português literário está ao contrário em favor, como indicam as publicações de que falei no primeiro número destas notícias, as particularidades da linguagem brasileira (designarei sempre assim por comodidade o português diferenciado do Brasil) tem merecido muito menos a atenção dos escritores do império sul-americano.”

“Foi mister examinar as variedades dessa linguagem segundo os lugares e determinar com exação o que ela apresenta por toda a parte de comum; investigar cuidadosamente a literatura brasileira para estabelecer até que ponto o substrato popular aflora na língua culta, o que não é fácil pela pobreza das nossas bibliotecas em publicações brasileiras; apurar enfim se havia, como se tem pretendido, influência não puramente lexicológica da parte das línguas indígenas e ainda das dos negros da Africa sobre o português do império. O lado fonético da questão merece

sobre tudo um exame especial que só pode ser feito nos lugares mesmos.”

“A linguagem brasileira, pelas condições da sua existência e desenvolvimento, apresenta naturalmente uma tão grande série de gradações desde a boca do culto até à do ultimo matuto, que qualquer afirmação com respeito às interrogações que faço acima corre perigo de ser pelo menos em grande parte falsa.”

É, porém, com *Os Ciganos em Portugal* (1892) que Francisco Adolfo Coelho atinge a plena posse de suas faculdades: larga capacidade para ajuntar materiais, vasta cultura glotológica para poder tirar conclusões gerais, agudeza de engenho para interpretar os factos da linguagem.

Com grande segurança expõe, em pinceladas de Mestre, a história dos Ciganos em Portugal, os processos de formação do calão (*deformações fonéticas* — mudanças de acento, supressão de sílabas, inversões de sons e sílabas — *deformações morfológicas, modificações de significação, criação original*), as relações entre os ciganos e o calão, e, certo de que os estudos linguísticos fazem parte de um todo, ajunta materiais etnográficos e antropológicos.

Com este livro, significativamente dedicado a Gaston Paris, a Filologia Portuguesa alçou-se ao plano europeu, situação que ia repetir-se, alguns anos mais tarde, com os *Estudos de Filologia Mirandesa* (1900/1901) e a *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901) de Mestre José Leite de Vasconcelos.

Em 1896 vem a lume a terceira edição, “emendada”, de *A língua portuguesa. Noções de glotologia geral e especial portuguesa*, Porto, Magalhães & Moniz, 180 págs.

Dentre todos os seus livros de síntese é este o que se apresenta mais bem planejado, tanto pelo método com que expõe

a matéria, como pela segurança da doutrina que, salvo num e noutro ponto, ainda hoje se pode manter.

Para que os leitores possam fazer ideia dos assuntos nele tratados, transcreveremos o índice:

SECÇÃO I

NOÇÕES GERAIS

- 1 — Glotologia e Filologia.
- 2 — Classificação da Glotologia.
- 3 — Relações da Glotologia com outras ciências.
- 4 — Gramática comparada.
- 5 — Classificação das línguas.
- 6 — Alguns princípios da história da linguagem.

SECÇÃO II

O LATIM E AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

- 1 — Extensão do domínio do latim em Itália.
- 2 — Antigos povos e línguas da península ibérica.
- 3 — Romanização da península ibérica.
- 4 — O latim vulgar e o latim literário.
- 5 — A invasão dos bárbaros e a decadência da cultura romana.
- 6 — Influência dos povos romanizados e dos bárbaros sobre o latim.
- 7 — Formação das línguas românicas.
- 8 — O latim bárbaro.
- 9 — Os muçulmanos na Hispânia.
- 10 — O português língua escrita.
- 11 — Português e galego.
- 12 — Variedades dialetais do português.

SECÇÃO III

FORMAÇÃO DO LÉXICO PORTUGUÊS

- 1 — Elementos latinos.
- 2 — Elementos provenientes das línguas faladas na península anteriormente ao latim.

- 3 — Elementos provenientes das línguas faladas pelos conquistadores da península, depois do domínio romano.
- 4 — Elementos provenientes de origens diversas.

SECÇÃO IV

NOÇÕES DE HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA

- 1 — Divisão em períodos.
- 2 — Gramáticos e humanistas portugueses.

Por essa mesma época voltava Adolfo Coelho a empunhar o gládio da crítica justa e bem intencionada, com o opúsculo *O ensino da língua portuguesa nos liceus*, (Porto, s. d., 46 págs.).

Com mão de mestre examina alguns dos livros adoptados no ensino oficial e censura muitos dos processos de ensino então em voga. Copio os seguintes lanços:

“Num livrinho destinado a servir de chave para os enigmas da análise como a entendem os referidos senhores, há uns 50 nomes de complementos. Entre eles figura um complemento de *provisão* ou *abundância* com o seguinte exemplo: o punhal *escorria em sangue*. Assim *em sangue* é aqui um complemento de *provisão* ou *abundância*. Como chegarão os rapazitos a alcançar tamanha altura de sabedoria!”

“Para fazer essas análises, a que os rapazes aplicam às vezes o termo cômico de *espequelonderíficas*, buscam-se principalmente textos arrevesados, havendo uma grande predileção pelos que oferecem hiperbatons e anacolutos, e uma verdadeira paixão pelos *anacolutos pleonásticos* como se acrobatismos de terminologia fossem processo didático.”

“Ora a verdade, a pura verdade é que essa análise que tanto confunde e enauseia as crianças pela sua secura e abstração, pela sua incerteza e arbitrariedade, lembra o repertório incessantemente repetido dum relógio, só variado por notas falsas que se intro-

duzem ora num compasso ora noutra, e serve apenas para encobrir a ignorância dos fatos da língua que mais importava ensinar.”

“Não somos partidário dos que querem suprimir na instrução elementar e nos primeiros anos do liceu o estudo da gramática da língua materna: mas entendemos que ela deve reduzir-se aos elementos indispensáveis e úteis. Para que, por exemplo, fazer decorar séries de regras relativas ao uso das preposições, dos modos, tempos e números em casos em que não se erra no falar vulgar (como os referidos de *entrar* e *cair* com *em*, o uso do futuro do subjuntivo com *se* e *quando*), regras expressas às vezes de modo extraordinário? É importante que haja gramáticas com o estudo o mais minucioso possível da sintaxe, assim como das outras partes da gramática da língua nacional, mas não para as fazer decorar nas escolas. São utilíssimos os dicionários, mas quem decora ou quem sequer lê a seguir um dicionário?

Sem dúvida não é fácil marcar exatamente o que convem fazer entrar no ensino; mas se o compêndio de gramática, em vez de ser a base das lições, fôr só o auxiliar delas, se a leitura e os exercícios escritos e orais ocuparem nessas lições o primeiro lugar, de modo que as regras gramaticais venham apenas para os esclarecer e completar, de modo que pouco e pouco se aprendam os paradigmas da morfologia, os traços essenciais e gerais apenas da sintaxe, deixando o resto para a prática e para ser completado com a comparação no estudo das línguas estrangeiras, ter-se-á feito um grande progresso. A gramática é realmente, no estudo actual do nosso ensino primário e secundário, uma das causas principais por que não se aprende a língua.”

“Dizia Fontenelle que se tivesse uma mão cheia de verdades, teria toda a cautela para não a abrir.

Obsequium amicos, veritas odium parit, disse o imitador latino Menandro.

É certo isso. A verdade tem-nos atraído já muitas vezes insultos e calúnias miseráveis. Não importa. O estado de profunda decadência a que chegou o país é o resultado das mentiras com que têm querido embalá-lo em todos os domínios.”

Por volta de 1900, empreendeu o Dr. Adolfo Coelho larga pesquisa acerca da influência étnica na transformação das línguas. O seu plano abarcava os seguintes aspectos:

1 — *Diferenças fonéticas das línguas e diferenças anatómicas dos órgãos da fala.*

2 — *Influências exercidas pelos sistemas fonéticos de umas línguas sobre outras.*

3 — *Causas gerais das alterações fonéticas.*

4 — *Influências morfológicas de umas línguas sobre outras.*

5 — *Influências sintáticas de umas línguas sobre outras.*

6 — *Línguas diversas de gramática mista.*

7 — *Formação dos dialetos crioulos.*

8 — *Bibliografia e conclusões gerais.*

Desse vasto e sedutor plano o emérito glotólogo só pôde realizar a primeira parte. Nela inaugura, a nosso ver, os estudos de *linguística geral* no ambiente intelectual luso-brasileiro.

Uma das preocupações dominantes do espírito de Francisco Adolfo Coelho era acompanhar o desenvolvimento que a Ciência da Linguagem ia tendo lá fora. Não lhe podia passar despercebida, portanto, a magistral pesquisa de Schuchardt sobre o fr. *trouver* — no correr da qual o grande Mestre de Graz exigia *uma história da cultura românica* “*romanische Kulturgeschichte*”, ao lado da *história das línguas românicas* “*romanischen Sprachgeschichte*”.

É quase certo, também, que ele conhecia os trabalhos de Meringer, *Etymologien zum geflochtenen Haus* (in *Festschrift Heinzel*, Halle, 1898) e *Das volkstümliche Haus in Bosnien und Herzegovina*, Viena, 1901 — bem como a notabilíssima pesquisa de Schuchardt acerca da foiceinha e do serrote, da

foucinha e do punhal: *Sichel und Säge; Sichel und Dolch* in *Globus*, 80, 1901, págs. 181-7; 205-9.

Esses autores, como se sabe, preconizavam a doutrina de que o estudo das *palavras* devia ser precedido pelo estudo das *coisas*.

As *coisas*, minuciosamente descritas, esclareceriam a razão dos nomes. Em suma: sem *objectologia não há filologia*.

Foi certamente inspirado nesse princípio que Adolfo Coelho empreendeu o estudo da alfaia agrícola portuguesa (1).

Tratou, com a enorme erudição que lhe era proverbial, da *enxada* (*asciata), da *picareta* (de picar), da *picadeira* (id.), do *alfece* (ar. al feç, o alvião), do *alvado* (alveatu: Catão, *Re R.* 43, | “cavado em forma de canal”), da *segure* (secure), do *sacho* (sarculu), da *enxó* (asciôla), da pá de cavar, do *arado* (aratru), da *charrua* (fr. charrue) e respectiva nomenclatura: *rabiça* (de rabo), *rabelo* (id.), *relha* (regula), *ferrão* (de ferro), *dente* ou *coice*, *aiveca* (2), *mexilho* (de mexer), *apo* ou *aipo* (or. desc.), *temão* (temone), *teiró* (3), *tempera* (de temperar), *pescaz* (4); do *labrego* (da raiz de laborare), a *sega*

(1) *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Porto, 1902. in 4.º, 38 págs. (separata da *Portugália*, 1).

(2) “Orgão do arado e da charrua que vira a terra cortada pelo dente, e a sega”. Cf. Krüger, *Die Gegenstandskultur Sanabrias*, 1926, pág. 191; idem, *El léxico rural del noroeste ibérico*, pág. 35. Recentemente Piel propôs a base **alīpa* (por *alāpa*): vj. a *Revista de Portugal* 91, págs. 13-6 (ou *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega*, I, 1953, págs. 20-4, 329), onde rejeita uma hipótese de Krüger.

(3) “travessa perpendicular que, eravada na cabeça do vessadoiro, sustenta e trespassa o temão.” Prende-se, hoje, a *telum* (*R. E. W. s.v.*), de certo a **telariôla*.

(4) “cunha com que se une o arado à rabiça”. Até hoje inexplicada; poder-se-á pensar em **pescu*, de *pesculu*, por *pessulu*? Recentemente J. I. Louro (in *Bol. de Fil.*, Lisboa, XII, 1951, págs. 282-4) tratou da etimologia de *pescaz*, propondo *post calx*, mais propriamente **poscalce*; quanto a *pesquinho*, seria forma dissimilada de **poscunho* < *post cunneu*.

(der. de *sega* < *secare*), da *pega* ou *aravela* (5), das *xalmas*, da *araveça* (6), da *grade* (crate), do *rojão* ou *jorrão*, da *foice* (falce), da *gadanha*, da *seitoira*, (*sectoria*) de *roçar* (ruptiare), do *escardilho* (de escardar), do *trilho* (triblu), do *peote* (de pé), da *timaõzela* (dim. de timão), do *malho* (malleu), do *mangoal* (manuale), do *pertigo* (perticu), do *mango*, da *mangoeira*, do *forcado* (de furca), da *forquilha* (de forea). da *joeira* (de joio), do *crivo* (eribru), da *ciranda*, de *abanar*, do *abano*, do *abanico* e do *rodo* (rutru).

No final do artigo expõe as conclusões a que chegou:

“Pelo que respeita a alfaia agrícola portuguesa, em especial, dois factos se puseram em evidência: o *carácter eminentemente arcaico das formas conservadas e a excepcional preponderância da terminologia romana*. Como foi indicado, este segundo facto *não prova necessariamente que essa alfaia seja de origem romana: prova sim a profundidade da romanização pelo lado da língua*”. [Os grifos são nossos].

A conservação de formas muito antigas do arado, a conservação do trilho (forma transmontana), a da foice serreada, a do carro chiante, bastam para mostrar

(5) Até hoje inexplicada. Escreve Adolfo Coelho: “*Aravelas* ligar-se-á ao termo náutico *arvelas*, definido por Moraes: argolas que se metem nas cavilhas para fechar melhor as chavetas? Será uma alteração de *alvela*, *arvela*, nome de uma ave? Os nomes das aves e outros animais não são raros na terminologia técnica; — lembrarei, como exemplo, *cegonha*, *pomba*, *cabra*, *macaco*, *cavalete*, *asno*, *gato*, *cão*, *porca*; fr. *chat*, *colombe*, *chevron*, etc. Como as *aivecas* podia a dupla rabiça lembrar as asas duma ave”. (pág. 14 n.).

(6) “arado que abre os regos mais largos que o arado ordinário, com uma só aiveca”. Até hoje inexplicada, apesar da nota de V. Botelho de Amaral, em *R. Lus.* 38, 1940-1943, págs. 312-314.

o a ferro à tradição da técnica agrícola nos povos peninsulares: por este aspecto excedemos todos os outros da Europa”.

Alguns anos depois, em 1906, dava a lume, na *Révue Hispanique* (Nova Iorque-Paris, xv, 1906, págs. 28-58) substancial artigo (1), onde, sem nunca perder de vista o aspecto teórico da questão, reúne e esclarece numerosos casos de analogia na história da língua portuguesa.

Em 1909, o seu espírito voltou-se para um assunto que, apesar de importantíssimo, ainda não pôde ser convenientemente estudado, pela falta de dados e documentos, bem como do *Atlas Linguístico de Portugal e Ilhas*. Trata-se do *romance moçárabico*, ou seja, o desenvolvimento do latim no território ocupado durante séculos pelos conquistadores árabes.

Com a expulsão dos Sarracenos o português do norte estendeu-se para o sul, fundindo-se com o falar que aí se formara. Do estudo de Adolfo Coelho copio o seguinte lanço:

“Foi sempre minha convicção que as populações cristãs do S. do que veio a ser Portugal, falavam já, antes da reconquista do séc. XII, a mesma língua que as do N., embora um pouco diferenciada, não constituindo, porém, como se supõe por uma falsa analogia, absolutamente gratuita, uma língua distinta, para se poder opor à do N., como na França a língua d’oc á língua d’oil. Essa convicção derivava principalmente do estudo dos nomes de lugar, rios, montes, etc., do S. e do N. comparados. O latim, cuja extensão em toda a faixa ocidental de nossa península, compreendendo a moderna Galiza, e Portugal (como no resto da península, exceptuando o domínio do basco) se suspeita do estudo dos autores antigos, e das inscrições e monumentos do período romano achados em o nosso solo, ter-se-ia ido modificando de modo por assim dizer igual nessa faixa, por opposição ao latim de leste, que seguia outra direção, revelada nos dialectos que chamamos espanhóis. Nos documentos em latim bárbaro, que vie-

(1) *Casos de analogia na língua portuguesa.*

ram até nós a partir do meio do séc. IX, transparece a língua vulgar, o português do N., em grande número de formas e na sintaxe. Não havendo documentos do S. anteriores à reconquista, temos que recorrer aos nomes próprios aludidos e investigar se há entre eles maior ou menor número que razões aceitáveis nos façam considerar como existentes no S. antes dessa reconquista e examinar se esses nomes devem ser considerados na sua fonética e morfologia, ou pelo menos na fonética, como portugueses” (1).

Que podemos concluir desse rápido exame da actividade científica do Dr. Francisco Adolfo Coelho?

Pensamos colocar bem a sua posição, no luzido grupo de filólogos a que pertenceu, dizendo que, dentre todos, era ele quem tinha maior pendor para os estudos gerais. Era o mais filósofo dos filólogos portugueses de sua época. As questões gerais e teóricas exerciam nele maior fascínio do que em Leite de Vasconcelos ou em Gonçalves Viana.

Foi, por excelência, um investigador de gabinete, um filólogo-filósofo, com a constante preocupação de ascender às ideias gerais. Nisso se extremava de Leite de Vasconcelos, tipo completo de *Wanderphilolog*, do mestre consumado nos estudos *in loco*, a que hoje chamamos pesquisas de campo.

O Dr. Francisco Adolfo Coelho esparziu as luzes do seu vasto saber até pouco tempo antes de cerrar definitivamente os olhos. Como Professor, era larga e profunda a impressão que deixava nos ouvintes. Um de seus mais ilustres discípulos confessa que foi vivíssima a lembrança que lhe deixou essa “excelsa figura socrática”.

Eis como ele descreve a última aula do grande iniciador da Filologia Portuguesa:

“Não é sem emoção que ainda hoje recordo a sua última aula, dada cerca de oito dias antes de falecer,

(1) *Origens do português do Sul*, in *Serões*, vol. VIII, 2.ª Série, págs. 317-324. Trecho já reproduzido por José Pedro Machado, in *Rev. de Port.*, 44, 1946, págs. 191-2.

e em que, como se quisesse fechar o circuito da sua vida de pedagogo pela mesma nobre doutrinação por que a começara na Conferência do Casino — versou o tema da necessidade de tolerância, ou melhor, do respeito de todas as posições espirituais para o progresso científico. Lembro-me bem de que, com pleníssima lucidez, o Dr. Adolfo Coelho pôs em relevo, por um lado, a necessidade da não interferência de qualquer crença religiosa no ensino oficial, e contrapostamente, por outro, a violência que o estado cometia opondo-se a que nas escolas particulares fosse ministrado ensino religioso àquelas crianças que os pais desejavam educar na sua fé — visto que a ciência, sendo impotente para demonstrar a falsidade da crença, não deve, sem se *contradizer a si mesma*, perseguir ou vexar os que crêem” (1).

*

* *

Logo em 1872 Augusto Epifânio da Silva Dias dava um grande passo para a reforma dos estudos latinos, com a sua tradução da gramática do latinista dinamarquês Iohan Nicolai Madvig.

(1) João da Silva Correia, *Adolfo Coelho*, na *Revista da Faculdade de Letras*, 1, Lisboa, 1933, pág. 9; Leite de Vasconcelos, in *R. Lus.* xxii, 252 e ss.; o mesmo, em *Lusa*, III, 1920, 97-101. No transecurso do centenário do nascimento publicaram-se muitos trabalhos e o *Centro de Estudos Filológicos* dedicou-lhe uma rica *Miscelânea*, em 2 vols., na qual colaboraram filólogos nacionais e estrangeiros. Entre os demais trabalhos, vj. Maria José Serpa Leote Gonçalves, *Contribuição para a bibliografia de Adolfo Coelho* (na *Biblos*, XIII, Coimbra, 1947, págs. 801-834); *Subsídios para a bibliografia de Adolfo Coelho* (na *Revista da Faculdade de Letras*, XIV, págs. 97-123); Vieira de Almeida, *Adolfo Coelho* (na mesma revista, XIV, págs. 49-54); Vitorino Nemésio, *Perfil de Adolfo Coelho* (*ib.*, págs. 23-46); J. M. de Queiroz Velloso, *Adolfo Coelho* (*ib.*, págs. 11-22); Maria Helena Lucas, *Adolfo Coelho e as*

Eis o que, a propósito, escreve Leite de Vasconcelos (1):

“Esta gramática trouxe grandes inovações: a sintaxe era apresentada com outra ordem, mais rigorosamente conforme com a substância do latim; a própria morfologia se avantajava à das antigas gramáticas, em clareza e rigor. E tudo isto sem falar da riqueza dos factos, a escolha dos exemplos, segundo as idades ou estilos da língua” (2).

O labor de Epifânio também se estendeu à nossa língua: logo dois anos depois do histórico opúsculo de Adolfo Coelho, publicava ele a sua *Gramática prática da língua portuguesa* (Porto, 1870) na qual modernizava os métodos de ensino e introduzia, pela primeira vez, a Sintaxe como capítulo de obra didática.

Esse livrinho, refundido e aperfeiçoado poucos anos mais tarde (1875) é, ainda hoje, modelo de concisão e segurança, e, a nosso ver, permanece como a melhor obra dessa espécie.

Não menor serviço prestou Epifânio ao meter ombros à difícil tarefa de empreender, pela primeira vez em Portugal, edições críticas de textos. Até que o mestre publicasse os

tradições populares portuguesas (*ib.*, págs. 55-71); Luís Chaves, *Adolfo Coelho na etnografia portuguesa* (in *Biblos*, xxiii, págs. 693-724); Luís Saavedra Machado, *Adolfo Coelho e o seu labor pedagógico* (in *Biblos*, xxiii, págs. 725-800; xxiv, págs. 101-135; xxv, págs. 229-275). Merece referência especial, aqui, o minucioso estudo de M. de Paiva Boléo, *Adolfo Coelho e a filologia portuguesa e alemã no século XIX* (sep. de *Biblos*, xxiii), 1948, 102 págs., onde, entre apreciações justas e oportunas, se mostra o exagero de algumas críticas do Mestre.

(1) Veja *Epifânio Dias, sua vida e labor científico*, Lisboa, 1922, pág. 18.

(2) Não é possível calar, também, o grande papel do Dr. Gonçalves Guimarães, pois: “A ele se deve a leitura do latim segundo o método científico-histórico. Num grupo de Professores universitários, — que a si se designara pela S. L. P. (Sociedade dos Longos Passeios), — constituída pelos Drs. José Maria Rodrigues, o actual grande camo-

seus trabalhos, o que havia (a não ser tentativas feitas lá fora) era, salvo um ou outro esforço, de molde a desluzir a ciência filológica portuguesa.

Começou por examinar, com extraordinário acume crítico, algumas das publicações do seu tempo. Assim, logo em 1887, analisava, longamente, a desastrada edição que Tito de Noronha fizera dos *Autos*, de Prestes. No ano seguinte prosseguiu no debate, examinando a edição do *Cancioneiro da Vaticana*, que Teófilo Braga publicara. Em 1892 fez o mesmo com Chiado, que A. Pimentel dera de novo a lume.

Já em 1893 divulgou a sua magistral edição das *Obras de Cristóvão Falcão*. Este trabalho é, ainda hoje, modelo de crítica e método.

Epifânio valorizou-o muito, acrescentando-lhe os seguintes excursos:

I — *Sobre a metrficação portuguesa* (págs. 38-91).

II — *Sobre pontos de ortografia antiga* (págs. 92-99).

III — *Sobre erros de leitura* (págs. 100-109).

Neste último, Epifânio colige e sistematiza, sempre com abundância de exemplos, os mais comuns erros de leitura e transcrição. Devia ser de estudo obrigatório para todos aqueles que se abalam a organizar edições críticas.

nista, Antônio Ribeiro de Vasconcelos, o eminente *essaista* de tantas valiosas excavações históricas, dos falecidos Drs. Sousa Gomes, químico ilustre a par de fino gramático e humanista, Dr. Francisco Martins, orador sagrado notável, professor consciencioso e de rectidão impecável, e do pobre autor destas linhas, Gonçalves Guimarães tomara a voz pelo grupo e defendera em público e raso essa *escandalosa* leitura, que impunha a pronúncia do *C* sempre com o mesmo valor (= K), e que valera por isso a todos o apodo característico de *Kákeros*, escandalosa leitura que, aliás desde o século XVIII, o Cavalheiro de Oliveira tão chistosamente alfinetara de graça numa das suas espirituosas *Cartas*". (Mendes dos Remédios, in *Revista de Língua portuguesa*, 19, 1922, pág. 115).

Ainda em 1893, escreveu minucioso artigo acerca da edição do *Cancioneiro Geral*, levada a cabo pelo alemão Kausler. Alguns anos depois, em 1903, analisou minuciosamente a história de Barlaão e Josafá, parte de um códice alcobacense, então divulgada por Vasconcelos Abreu. Em 1905 corrigiu a edição, feita por Cornu, das *Vidas de Santa Eufrogina e Santa Maria Egipcíaca* — e pôs notas críticas à ed. da *Crónica de Guiné*, dada a lume em Paris (1841) por diligência do visconde de Carreira.

Ainda em 1905 publicou a sua magistral edição do *Esmeraldo de situ orbis*, livro indispensável aos estudos linguísticos e náuticos. A tarefa era muito difícil, porque desse precioso documento da primeira década do séc. XVI não restava nenhum manuscrito fiel.

É de 1910 a sua edição dos *Lusíadas*. O poema jamais tivera tão alta e cabal consagração. É completo e quase insuperável o comentário de Epifânio, que tudo esquadrinhou e esmiuçou, desde as fontes, até os seus imitadores de todos os tempos.

Desde antes de 1893, pelo menos, o Professor Augusto Epifânio reunia e coordenava materiais para uma desenvolvida e completa *Gramática histórica*, mas, de um lado, actividades absorventes e, de outro, o precário estado de saúde, o foram impedindo de levar por diante tão promissora empresa.

Por insistência de seu amigo Leite de Vasconcelos, já nos últimos meses de vida, preparou os originais da *Sintaxe Histórica*, livro que, embora inacabado ⁽¹⁾, e prejudicado por

(1) "Conhecendo que não tornaria a recuperar a saúde, e que, pelo contrário, a morte se avizinhava, tratou de a mandar copiar e enviar para o prelo: e ainda chegou a ver as provas tipográficas do ante-rostro, rosto, dedicatória e primeiras 32 págs."

"Não pôde o A. dar a última demão à obra: porisso ficaram numerosas regras sem os respectivos exemplos, que o Sr. Epifânio tentava acrescentar, como consta de claros que o manuscrito apresenta;

excessiva preocupação gramatical, será sempre padrão de elevada cultura filológica.

Em 1913, aos setenta e dois anos de idade, jubilou-se como professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Dos últimos três anos da sua vida ficou-nos o testemunho de Leite de Vasconcelos, que lhe fora discípulo e amigo desde os tempos do Porto:

“A jubilação anunciava tristes agouros. O Sr. Epifânio já antes dela começara a sofrer de tremura na mão direita, o que lhe dificultava o escrever; pouco a pouco a tremura generalizou-se a todo o corpo. Era a doença que os médicos denominavam “de Parkinson” ou “paralisia agitante”. O Sr. Epifânio deixou de sair de casa, e não tardou que ficasse de cama: a principio escrevia com lápis; por fim deixou de escrever e encarregou a estranhos a cópia do que tinha para publicar. Confrangia ver deitado no leito, em constante agitação, e lendo a custo, com o livro encostado ao travesseiro ou já sem poder ler, quem tanto labutara, quem fora tão cheio de energia” (1).

*

* *

Se a Francisco Adolfo Coelho cabe, inegavelmente, a honra de ter introduzido em Portugal o método científico

e também pelo mesmo motivo há certas incoerências na disposição tipográfica e às vezes no uso de maiúsculas e minúsculas como iniciais.”

(1) *Ob. cit.*, pág. 14. Além da magistral *oratio de sapientia*, de Leite de Vasconcelos, pode ler-se: *Revista Lusitana*, XIX, 1916, 340-2 (discurso proferido à beira do túmulo, por Urbano Canuto Soares) e a *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, II, 1934, 1-23 (artigo do Dr. Rebelo Gonçalves). A respeito das várias obras que Epifânio tinha em mente publicar vj. a *R. Lus.* V, 240.

aplicado ao estudo das línguas, e a Augusto Epifânio da Silva Dias o não menos relevante papel de reformar o ensino do latim e da gramática portuguesa, a José Leite de Vasconcelos não podemos espoliar a glória de ter sido o consolidador dessa renovação.

O Mestre nasceu a 7 de Junho de 1858 na povoação de Ucanha, do concelho de Tarouca, filho de José Leite de Melo Cardoso e D. Henriqueta Leite de Vasconcelos Pereira de Melo — ambos da nobre linhagem da Casa de Resende.

Em 1876 iniciou, no Porto, os estudos preparatórios, matriculando-se depois na Escola Médico-Cirúrgica.

Bem cedo se manifestou nele o pendor para a Filologia; ainda estudante, em 1882, descobriu cientificamente o mirandês, estudando-o no folheto *O dialecto mirandês*. Esse trabalhinho, que obteve rasgados elogios de Adolfo Coelho, Cornu, Teza, D'Ovidio, Cuervo, Schuchardt, e outros, alcançou o primeiro prémio num concurso instituído pela *Société pour l'Étude des Langues Romanes*, de Montpellier.

Em 1886 defendia a tese: *Evolução da linguagem*, a qual obteve francos elogios de Gonçalves Viana (cf. o seu artigo na *Revista Lusitana*, I, 1887).

Com tamanha perícia se houve, que a Escola Médico-Cirúrgica lhe conferiu o prémio Macedo Pinto, por considerá-lo o mais distinto dos estudantes que findaram o curso em 1886.

Poucos meses exerceu, porém, a Medicina: a sua vocação atirava-o para os estudos filológicos.

Dialectólogo dos mais argutos e dedicados, tomou o bordão de viajante e pôs-se a peregrinar pelo país todo, construindo a Dialectologia portuguesa.

Nos alvares do séc. xx saiu da querida Pátria para uma viagem de aperfeiçoamento pelo estrangeiro. Em 1900 visitou, em Graz, o grande filólogo e linguista Hugo Schuchardt.

Apesar de já se cartear, não se conheciam pessoalmente; daí o pedir o mestre alemão um retrato do Dr. Leite. Este, que não possuía, no momento, nenhuma fotografia, enviava-lhe o auto-retrato em verso:

“Estatura mediana. E, pra consôlo
Da fuga do cabelo, barba inteira,
Encrespada em anéis, num negro rolo,
Como silvestre matagal da Beira.

Embora dia a dia afeita às iras
Do astro que com seu fogo a vida espalha
Jamais sem *Sonnenschirm* tu me viras,
Nem na cabeça alvo chapéu de palha.

E, como desafio ao clima duro
Onde vive entre névoas o Eslovaço,
Sobraço sempre (por que é mais seguro
Suar do que tossir!) grosso casaco.

Na mão conduzo a minha mala, cheia
De alfarrábios, cadernos, papelada,
Como farto museu que me recreia
Das fadigas e estorvos da jornada.

Ando assim pereorrendo grande parte
Da velha Europa, — os Senones, os Boios:
Ora cativo das belezas da arte,
Ora morto de enfados nos comboios.

Dos sábios, com quem trato, levo ufano
Lição, exemplo, affecto, ensinamento:
Como se diz do frade franciscano,
Que não volta sem nada pra o convento.

Nascido na ribeira do Ocidente,
Das tradições da Lusitânia herdeiro,
Acharás porventura surpreendente
Que eu tenha um pouco o espírito viajero?

*
* *

Por esta miniatura que te mando
(E quem a vir não zombe, mas admire-a...)
Já facilmente me reconheces, quando
Eu puser pé no verde chão da Estíria.

Em meio do confuso ajuntamento,
No *Bahnhof*, ao sair a multidão
Em ondas e torrentes, olha atento
P'ra onde mais te bater o coração:

Esse o sinal de que já venho perto,
Pois também forte o meu me baterá
Num sobressalto, num prenúncio certo
De que c'o o amigo em comunhão está.

Oh! amigos! amigos! hoje em dia
Tão raros eles são e tão escassos,
Que podes calcular minha alegria,
Por fim, ao apertar-te nos meus braços!”

(O *Instituto*, 1902, pág. 120 e segs.; sep. de 12 págs., com variantes).

O Dr. Leite defende, no ano seguinte, a tese para o doutoramento em Letras, na Universidade de Paris, a *Esquisse d'une dialectologie Portugaise*, merecendo *mention honorable*. Ainda de 1901 são os *Estudos de filologia mirandesa*, 2 volumes. Esses trabalhos foram alvo de uma recensão elogiosíssima do grande etimologista e provençalista Antoine Thomas. *Revue Critique*, Julho de 1902.

Na viagem de estudos, descobriu em Leiden um manuscrito provençal inédito — a *Canção de Sancta Fides d'Agen*. A convite de Gaston Paris, e por instigação de Thomas e

Paulo Meyer, o Dr. Leite publicou-o na *Romania*, xxxi, pág. 177 e ss. de que se fez depois separata (1).

Ainda nessa proveitosa excursão descobriu, na Bibliotheca Palatina de Viena, um fabulário português medieval, que foi por ele publicado na *Rev. Lusit.* n.º VIII e IX, de que se fez separata: *O Livro de Esopo*, 1906.

Tornando a Portugal, começou a doutrinar, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, de 1903 a 1909, aulas que ele mais tarde, em 1911, conglobou nas *Lições de Filologia*, cuja 2.ª ed. viu a luz em 1926 (2).

São em número inumerável os trabalhos do Dr. Leite: por todos os cantos da ciência espargiu luzes.

Não posso deixar de citar a monumental *Antroponímia portuguesa*, 1928, e o seu interessante trabalhinho: *Língua de preto num texto de Henrique da Mota*, 1933.

Assim o saudava o Dr. Hugo Schuchardt em 1883:

“Toda semente científica que se esparze em um povo civilizado propaga-se mais cedo ou mais tarde. Adolfo Coelho tem sido, há largo tempo, o único representante da Linguística metódica em Portugal — pelo menos o único a escrever —; mas o seu exemplo, finalmente, encontrou feliz emulação. Um jovem que estuda Medicina no Porto sentiu-se atraído pela nova ciência, adquiriu nela sólida base e dedicou-se à descrição de um dialecto [o mirandês]. Em Leite de Vasconcelos, como

(1) Vej. a *Notícia bibliográfica do poema provençal de “Santa Fé”*, no *Instituto*, de Coimbra, XLIX, 1902, reproduzida nos *Op.* IV, 1274 e ss. A melhor edição do poema, verdadeiro monumento, é a de Hoepffner e Alfarié, *La Chanson de Saint Foy* em 2 grossos volumes (Paris, 1926) com facsímile, Introd. texto crítico e comentários.

(2) Conheço as seguintes resenhas: Henry Lang, in *Mod. Language Notes*, 1912, págs. 141-6; João Ribeiro, in *Revista da Academia Brasileira de Letras* III, n.ºs 7 e 8 (a ambas se refere e procura responder com acrimonia, o Dr. Leite, no Prólogo da 2.ª ed.); Antoine Thomas, in

em Adolfo Coelho, o estudo da língua está intimamente relacionado com a Etnografia (Volkskunde)” in *Lit. fuer germ. und rom. Philologie*, 1883, IV, col. 108.

Em 1902 escrevia A. Thomas: “Dire que l’auteur est au courant des derniers progrès de la science, ce n’est pas assez dire; sur plus d’un point, il l’a fait avancer lui-même et avec ses *Estudos de Fil. Mir.* il s’est classé définitivamente parmi les maîtres de la philologie romane.” (cf. *Révue Critique*, Fév. 1902, pág. 153).

Na mesma revista, seis anos depois, assim o julgava o já consagrado romanista Edouard Bourciez: “Voici une charmante petite étude: elle est d’un philologue qui n’a rien du pédant et dont la science est discrète, mais sure, on y sent circuler d’un bout à l’autre je ne sais quel souffle d’art. Faut-il nous en étonner, étant donné le nom de l’auteur?” (cf. *Rév. Crit.*, 1908, pág. 518).

*

* *

Durante meio século, entregue a labor infatigável, impulsionou a Filologia Portuguesa, construindo alguns dos seus domínios e lançando a base doutros.

Contemporâneo de Adolfo Coelho, de Gonçalves Viana, de Epifânio Dias, de Júlio Moreira, de Cortesão e de D. Carolina Michaëlis — a todos excedeu na operosidade, na vastidão da matéria versada.

Romania XLIII, 1914, págs. 476-7 e, finalmente, de novo Henry Lang, no *Literaturblatt*, 1912, cols. 287-294 (a esta não se refere o Dr. Leite; mas de certo a teria conhecido). A resenha de João Ribeiro foi por êle reproduzida, com acrescentos, no livro *Curiosidades Verbais*, s/d, págs. 204-240. Cf. o comentário de Leite de Vasconcelos, publicado nos *Opúsculos*, IV, 1929, págs. 1267-8. A essa polémica entendo de referir-me num trabalho que planejo, intitulado *A pesquisa filológica no Brasil*.

Quanto a Gonçalves Viana e Adolfo Coelho, tão neurastênicos e irritadiços eram, que não se podia discutir com eles.

Di-lo o próprio Dr. Leite: "Na comissão entravam os grandes filólogos Adolfo Coelho e Gonçalves Viana, com os quais, pelo génio exaltado de cada um, era impossível discutir de viva voz com serenidade". (*Opúsculos*, I, pág. iv dos Aditamentos).

Epifânio Dias era a mesma coisa. Diga-nos Leite de Vasconcelos: "O senhor Epifânio proclamava-se espírito eminentemente liberal, e de fato o era em política, o que não o impedia de ser em todas as discussões muito teimoso, muito aferado à sua opinião da qual só abdicava em circunstâncias especiais." (vj. *Epifânio Dias, sua vida e labor científico*, 1922, pág. 37).

Só Leite de Vasconcelos foi universal. Sobre todos os campos da filologia portuguesa lançou luz copiosa (1): etimólogo, descobridor e editor de textos, antroponimista, dialectólogo, folclorista, etnólogo, toponimista, tudo isso foi exemplarmente.

Dele não se pode dizer que foi um *Schreibtischlinguist*: ao contrário, durante toda a vida fez excursões proveitosas por todos os cantos de Portugal.

(1) Ele próprio o reconheceu: "Tenho tratado, ou ainda tenho de tratar, tantas cousas novas, que não é possível fixar-me por igual em todos os ramos da Filologia". (Vj. *Opúsculos*, I, pág. iv dos Aditamentos).

"Sempre absorvido por muitos trabalhos, não posso dedicar a cada um o tempo que dedicaria se me ocupasse de um só. Em Portugal há, porém, tão pouca gente que se consagre a investigações científicas, que, quando alguém se sente com ânimo para elas, precisa de dirigir a actividade por mais de um campo, não só para suprir a deficiência de braços que aí se nota, como porque, para a sequência metódica do seu estudo, se vê obrigado a obter pelos esforços próprios os resultados que em países de maior adiantamento obteria da conjugação de esforços de outros investigadores." (in *Rev. Lus.*, VII, 1902, pág. 134).

Compreendeu, desde muito cedo, que a Filologia não se estuda só por si: necessita das luzes de actividades afins. Percebeu, muito antes de Rohlf's o dizer em memorável conferência, que "a filologia de hoje tem necessidade de uma excavação pela psicologia popular, pela etnografia e pelo folclore comparado". (*Sprache und Kultur*, 1928, pág. 33).

Interessavam-no todos os factos pertinentes à vida do povo português. A sua pena gizou magistrais páginas acerca da barba em Portugal, das religiões da Lusitania, das canções do berço, da medicina dos Lusitanos, da poesia amorosa do povo português, das tradições populares de Portugal, dos jugos e cangas, dos amuletos, da figa...

Não foi a sua obra, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, dispersa e desordenada: todos os seus opúsculos, todos os seus artigos visavam a um conjunto, a uma unidade: a história da língua portuguesa.

Ele mesmo o reconheceu, traçando um plano magistral:

"Por *História da Língua portuguesa* pode entender-se o estudo da origem, evolução, períodos e ramificações dessa língua; do seu génio ou carácter, estilo e emprego literário; da área geográfica em que se fala ou falou; da influência que outras línguas exerceram nela e vice-versa. Temos assim cousas que constituem a história externa do português, e outras a história interna..."

Eis o conteúdo:

Introdução:

1) Noções preliminares. 2) Literatura filológica.

Parte I — Origem e vida, ou história externa da língua portuguesa.

Parte II — Gramática histórica da língua portu-

guesa. Com três apêndices: história da Ortografia, Estilística, Métrica.

Parte III — Períodos ou idades da língua portuguesa (resumo dos caracteres estudados na Gramática. Exemplos).

Parte IV — Dialectologia.

Parte V — Vocabulário (etimológico) da língua comum (arc. e moderno; pop. e literário).

Parte VI — Onomástico (complemento natural do léxico).

Parte VII — A língua como expressão da alma e vida do povo português.

Vejamos como se coloca, dentro desse plano, a vasta obra do mestre.

Quanto à introdução 1) Noções preliminares, vid. *Lições de filologia portuguesa*, pág. 3 e ss.; 2) Literatura filológica, ou histórica da nossa filologia, vid. o opúsculo *A Filologia Portuguesa*, Lisboa, 1888, págs. 24-53, e os artigos e opúsculos que publicou acerca de frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo na *Revista Lusitana*, IV, 1 e ss., de Gonçalves Viana (1917), Júlio Moreira (1913), D. Carolina Michaëlis (1912), Epifânio Dias (1922), e os pareceres académicos inseridos no cit. vol. da Revista, pág. 278 e ss.

Quanto à parte I, vid. *Lições de Filologia e Curso de língua arcaica* (rep. nos *Op.* I).

Quanto à parte II, vid. *Lições; Livro de Esopo*, 1906.

Quanto à parte III, vid. *Curso de língua arcaica e Textos Arcaicos*, 1922.

Quanto à parte IV, vid. *Contribuições para a Dialectologia* (1888-1903) parte da qual forma o 2.º volume dos *Opúsculos* (dialeto interamnense); *Línguas raianas e Línguas fronteiriças* (1886 e 1902) incluídos nos *Opúsculos* IV; *Estudos de*

filologia mirandesa, 2 vol., 1900-1901; *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris, 1901; inúmeros artigos e notas na *Rev. Lusitana*.

Quanto à parte V, há inúmeros vocabulários apensos a obras de dialectologia e edições de textos: por exemplo, do *Livro de Esopo*.

Quanto à parte VI, vid. vários artigos enfeixados no terceiro volume dos *Opúsculos* e a sua monumental *Antroponímia portuguesa*, 1928.

Quanto à parte VII, aí estão a sua admirável *Etnografia portuguesa*, recentemente publicada, os seus preciosos arquivos folclóricos (*Opúsculos*, V e VII), etc. (1).

Há ainda uma face da actividade desse fidalgo da filologia portuguesa: a de entusiasmado defensor dos métodos histórico-científicos, da boa filologia, em suma.

Em 1887 funda a *Revista Lusitana*, precioso arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal.

Entre os formosos capítulos que integram as magistrais *Lições de Filologia* quero salientar dois: o que trata dos fenómenos arcaicos do falar hodierno e o que giza um plano de estudos filológicos.

No primeiro mostra como se relacionam as várias fases de uma língua: as várias sincronias. É a prova da observação de Schuchardt: "Repouso e movimento não constituem nenhum contraste: só o movimento é real — mas só o repouso é perceptível". (*Brevier*, 330).

Ainda há pouco Wartburg (*Das Ineinadergreifen von deskriptiver und historischer Sprachwissenschaft*, 1931) acentuava o congraçamento das duas linguísticas: descritiva e histórica.

(1) Vj. a *Revista Lusitana*, 22, 229 e ss.

Em 1890 o dr. Leite veio às mãos com um amador filológico, talvez bem intencionado, mas inteiramente jejuno nos métodos da verdadeira filologia.

Refiro-me aos dois opúsculos: *As lições de linguagem do Sr. C. de F.* (análise crítica); e *O galho depenado*, hoje recolhidos nos *Opúsculos*, iv, págs. 927-1124.

Além disso foram por ele dirigidas as publicações do segundo volume dos *Estudos de língua portuguesa*, de Júlio Moreira, e a *Sintaxe*, de Epifânio, ambas obras póstumas.

Uma das maiores qualidades do Mestre era o equilíbrio.

Nunca se filiou a nenhuma escola, nunca se deixou impelir pela impetuosa corrente dos “inovadores” e dos “reformadores”.

Aceitou o progresso da Ciência, sem exageros, sem cabotinismo — pausadamente, à proporção que das primeiras experiências desabrochavam os primeiros resultados seguros e inconcussos.

Ele podia ter confessado, como Bourciez: “Je n’ai jamais été de l’école de ceux qui pensent faire étalage de science (une science souvent de fraîche date) en multipliant les termes plus on moins rébarbatifs ce qui les dispense d’ailleurs d’analyser les faits, et parfois de s’en rendre compte eux-mêmes exactement”. (Vj. *Phonétique française*, 8.^a ed. pág. VII-VIII).

Quando Leite de Vasconcelos, em 1882, escreveu o primeiro trabalho, a Romanística ainda estava sob a directa inspiração de Diez e seus discípulos: Gastão Paris, Ascoli, Schuchardt e Mussafia.

De lá para cá métodos novos se criaram, novas escolas surgiram; de todas se aproveitou o romanista português, na medida em que lhe era possível.

Manuseou, com igual cuidado, as obras de Vendryès, Meillet, Jespersen, Schuchardt, Bourciez, Vossler, Wagner, Rohlf, Bally...

Sabia, melhor que todos, que: “Toutes ces étiquettes d’école n’ont qu’une valeur assez vague, et ne semblent guère propres à avancer les choses”. (Bourciez, *Révue Critique*, 1910, pág. 28).

Ninguém com mais perspicácia do que o dr. Krüger compreendeu e valorizou a operosidade do Mestre luso:

“Se a actividade de José Joaquim Nunes é possível de demarcar, já o mesmo se não verifica com a do venerando mestre da Filologia portuguesa, José Leite de Vasconcelos, um investigador de admirável, quase direi de insuperável maleabilidade de espírito. A sua capacidade de trabalho, ainda hoje, depois de ter ultrapassado a casa dos setenta, é verdadeiramente inacreditável.

Se quiséssemos abranger a obra de Leite de Vasconcelos em toda a sua amplitude, teríamos de fazer a história de todos os ramos da ciência, tão estreita é a ligação da sua obra com cada um deles. É característica do espírito de Leite de Vasconcelos a regra que se impôs de fazer todos os dias pelo menos meia hora de leituras alemãs, a fim de manter o contacto com a ciência alemã. isto é, podíamos nós dizer, a ligação com a ciência europeia. Daí o seu olhar vasto, que não abrange, porém, só as linhas gerais, mas sabe também aprofundar o pormenor. Precisamente nesta faculdade de dominar os materiais trazidos pela ciência internacional e de os adaptar ao seu campo pessoal de trabalho, está um dos motivos por que Leite de Vasconcelos levantou tantos edifícios de investigação segura.

A segunda característica de Leite de Vasconcelos está na sua atitude em face do material. A sua investigação é, pode dizer-se, nitidamente nacional; nisto não se distingue dos outros eruditos portugueses. Mas o que o diferencia deles é o olhar agudo com que verifica as fontes, pelas quais outros passam de raspão, é a tenacidade com que ele lança mão e combina todo o material reputado valioso. Não conheço em Portugal nenhum outro investigador que tenha procurado as fontes com a amplitude e a energia de Leite de Vasconcelos, o qual ainda encontra tempo para percorrer o país, sempre de olhos e ouvidos bem abertos. Leite de Vasconcelos é um representante típico da investigação *in loco*,

de *Wanderphilolog*, dotado daquele à vontade e fino instinto que tal tipo exige quando quer aprender a realidade das coisas.

O que as suas contínuas excursões de norte ao sul e de leste a oeste do país representam para sua obra, qualquer o pode verificar pegando um trabalho de Leite de Vasconcelos.

É uma quantidade incomensurável de factos novos e valiosos que são trazidos à investigação portuguesa e que nos colocam — o que é ainda mais importante — em face de problemas e de temas inteiramente novos.

Felizmente que este procedimento de reunir ao mesmo tempo materiais sobre a língua, tradições literárias, usos e objetos populares, restos epigráficos e antiguidades pré-históricas, é imitado por patriotas das terras da província, por “amadores” de merecimento.

A terceira característica de Leite de Vasconcelos é a multilateralidade (*Vielseitigkeit*) do seu trabalho. José Leite é o primeiro filólogo, o primeiro dialectólogo, o primeiro etnógrafo do seu país, e aquele que melhor conhece as tradições romanas da sua Pátria.

Devido ao facto de um investigador ter reunido um tão rico material de factos, ter podido notar as relações que entre eles se estabelecem e a luz que uns trazem aos outros, Leite de Vasconcelos conseguiu realizar uma síntese única na história da cultura portuguesa” (in *Biblos*, IX, 1933, p. 731 n.)

Historiando a Filologia Românica, Jorgu Jordan escreveu acerca do mestre luso estas palavras desvanecedoras: “It should be stated that Portugal has acquired considerable standing in the domain of Romance dialectology largely through the achievements of one great scholar, J. Leite de Vasconcelos, who is not only the founder of Portuguese dialectology but a considerable figure in romance Philology generally” (1).

(1) *An Introduction to Romance Linguistics. Its Schools and Scholars* (tradução do romeno, bem melhorada, por J. Orr) Londres, 1937, pág. 269 n. Recenseando o original de Jordan, Paiva Boléo (*Bol. de Fil.* II, 1933, págs. 74-5) e W. Giese (*Z. R. Ph.*, LV, 1935, pág. 216) haviam estranhado a quase omissão do Mestre Português.

*
* *

Duplamente, pois, serviu o Dr. Leite à Filologia portuguesa: pelo imenso material recolhido e, sobretudo, pelo superior método com que ordenou e tratou essa farta messe.

Se não criou, propriamente, uma escola, no sentido estrito do termo, cabem-lhe à justa estas palavras de Schuchardt, referentes a Diez: “Ele nunca procurou influir forçosa e insistentemente na evolução dos moços; nunca se preocupou em canalizar a Ciência. Somos, no melhor e mais amplo sentido, seus discípulos, e podemos gabar-nos de ter aprendido com ele a nunca dizer amen às palavras de um Mestre”. (*Brevier*, pág. 407).

As obras de José Leite de Vasconcelos obrigam-nos a pensar e a raciocinar. Impelem-nos ao exame directo das fontes.

Já alguém, muito injustamente, acusou a Leite de Vasconcelos a dispersão, a larga viagem por tantos e tão variados ramos do saber humano. Mas é preciso advertir que tantos e tão variados ramos pertencem todos às Ciências do Homem e apresentam forte e intrincado entrosamento.

Leite de Vasconcelos trabalhou numa época em que tudo estava por fazer: era preciso lançar as bases de uns campos e levantar o edifício doutros.

Dessa maneira a dispersão lhe era não só necessária como imprescindível às várias obras que empreendia. Ele tinha de pesquisar e investigar os factos que não encontrava já reunidos e devidamente classificados. A sua tarefa tornava-se bem mais penosa do que a dos filólogos de língua francesa, por exemplo, que tinham a seu dispor, desde logo, magníficas colecções de materiais.

Se lhe perguntassem o que era a Filologia, ele bem poderia responder, como Victor Henry:

— É o que eu faço (1).

Compreende-se, porém, que actividade tão larga não podia ser perfeita. As falhas que se lhe podem assacar não dizem respeito, entretanto, a erros de facto, mas sim a imperfeições do método em voga no seu tempo.

Faremos nossas estas palavras de Paiva Boléo, que servirão, ainda, para alertar os jovens:

“... nem sempre teve a preocupação de fazer os inquéritos nas próprias povoações e de escolher informadores delas naturais; a confiança excessiva que depositava em textos “arranjados ad hoc” por pessoas que se consideravam muito conhecedoras da linguagem de uma determinada terra (ver adiante pág. 214); o não indicar sempre as povoações onde se usam os diferentes termos que constam dos vocabulários, precaução tanto mais necessária quanto mais rica for a variedade lexical da região. Assim, no artigo adiante (pág. 217)

(1) A respeito da actividade literária do Dr. Leite há numerosas publicações, das quais cumpre ressaltar: artigos na *Revista de Filologia Portuguesa* (S. Paulo), 13, págs. 5-12; na *Revista de Língua Portuguesa* (Rio), 19 (de Afrânio Peixoto e Ed. Carlos Pereira); na *Biblos*, IX, 1933, pág. 731 e ss. (Krüger); na *Seara Nova* 727, págs. 165-8 (A. C.); na *Protocalc*, XV, 1942, pág. 3-17, 41-62 (Orlando Ribeiro); na *Ocidente*, XI, 1941, pág. 7-17; na *Biblos*, XVIII, 1942, pág. 259-266 (Orlando Ribeiro); na *Rev. Port. de História*, II, 1943, págs. 519-530 (T. de Sousa Soares); na *Ethnos*, III, 1948, págs. XIII-XXXVII (J. da Silva Correia); na *Rev. Port. de Filologia*, I, 1949, págs. 617-620 (Boléo); em *Onoma*, II, 1951, págs. 71-3, com retrato (necrológio em que Pedro Cunha Serra examina a obra onomástica de J. L. V.). Na Academia das Ciências de Lisboa o Dr. Rebelo Gonçalves fez o panegírico do Mestre: vj. o *Boletim*, XIII, 1941, págs. 379-398; na Faculdade de Letras de Lisboa prestaram-lhe uma homenagem, em que discursaram os Drs. Oliveira Guimarães, Hernani Cidade, Manuel Heleno e Orlando Ribeiro: vj. a *Rev. da Fac. de Letras de Lisboa*, VIII, 1942, págs. 138-161.

Em 1934, ainda em vida do Mestre, foi publicada uma *Miscelânea Científica e Literária dedicada ao Doutor José Leite de Vasconcelos* (1)

diz-nos Leite de Vasconcelos que fez investigações em S. Gregório, Peso, Paderne, Alcobaça, Prado, etc., e que, salvo indicação em contrário, os fenómenos que consigna os observou nos lugares de Peso, Paderne e vizinhos, “o que não significa que eles sejam só de lá” (pág. 309). No glossário menciona para a “agulha sêca de pinheiro”, os vocábulos *frangulha*, *faulha*, *fróma*, *frouma* e *garavalho*, mas não indica a povoação a que cada uma delas se refere. Ora é facto conhecido dos dialectólogos que raras vezes subsistem na fala popular duas expressões para traduzir a mesma ideia e ambas com a mesma vitalidade: geralmente uma delas ou é menos usada, ou pertence a uma geração diferente, ou restringe-se a uma camada mais ilustrada. Tudo isso são indicações que o moderno dialectólogo procurará pôr em foco, na medida do possível” (1).

na qual colaboraram sumidades portuguesas e estrangeiras. Às págs. 274-5 há um artigo de F. M. Alves (Abade de Baçal) recordando o Mestre. Em 1936 a revista *A Língua Portuguesa* (dir. pelo Dr. Rodrigo de Sá Nogueira) dedicou-lhe o vol. IV, onde, a par de artigos científicos, se pode ler a copiosa bibliografia do Mestre, organizada por Luís Chaves, que assim completou o *Índice dos trabalhos literários de Leite de Vasconcelos*, publicado em 1924 por Moses Amzalak. Em 1936 a revista hamburguesa *Volkstum und Kultur der Romanen* (dir. pelo Dr. F. Krüger) dedicou-lhe o tomo X.

(1) Veja a *Revista Portuguesa de Filologia*, I, 1947, na pág. 211. Leite de Vasconcelos não chegou a participar, efetivamente, do movimento da Geografia Linguística. Cf. no entanto: *Da palavra respigo e de outras de significação congêneres* (ensaio de Geografia Linguística — em 1904 depois recolhido nos *Op.* I, págs. 411-420 — e *Ensaio de Geografia Linguística (Lexical)*). A respeito de “borboleta” — *Op.* III, págs. 608-611. Na *Etnografia Portuguesa*, II, 1935, há referências às págs. 291 e 294.

Trata-se, porém, de simples recolha de formas, sem a representação cartográfica e sem a necessária demarcação e interpretação das áreas.

A sua vida é admirável exemplo de amor ao trabalho científico. Pena foi que não pudesse acabar a sua obra, para a qual sempre fazia planos. Em 1928 anunciava, na *Antroponímia Portuguesa*, a sua *História da Língua Portuguesa*:

I — *Origem e vida externa da língua portuguesa*. — Em publicação na *Revista Lusitana*.

II — *Gramática histórica da língua portuguesa*. — Em preparação.

III — *Léxico português*. — Em preparação.

IV — *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. — Paris, 1901.

V — *Antroponímia portuguesa*. — Lisboa, 1928.

VI — *Toponímia portuguesa*. — Em preparação (1).

E acrescentava: “A estes trabalhos servem de complemento os *Opúsculos* do mesmo autor (Filologia, Dialectologia, Onomatologia), que estão sendo impressos pela Imprensa da Universidade de Coimbra”.

À primeira vista é curioso e estranho que o Dr. Leite nunca se tivesse, realmente, interessado pela Geografia Linguística — apesar de ter assistido, em Paris, a preleções de Gilliéron (2). E isso foi grande pena, porque, como escrevia Huber, em 1909, “er könnte seine zahlreichen Werke

(1) No fim da vida, conhecendo que não disporia de tempo para publicar tudo, começou a dar a lume preciosos apontamentos: *Matéria filológica* (in *R. Lus.* xxxix, 1931, págs. 287-294); *Ementas gramaticais* (idem, xxxii, 1934, págs. 275-293; xxxiii, 1935, págs. 193-213; xxxvii, 1939, págs. 5-31; xxxviii, 1940-3, págs. 113-126). Bom serviço prestaria às letras filológicas o esclarecido editor que os reunisse num volume dotado de índices completos! (assuntos, palavras e autores).

(2) Cf. os *Opúsculos*, I, 577. O outro grande filólogo peninsular, Ramón Menéndez Pidal, nasceu em 1869 e no verdor dos trinta anos (1899) começou a ensinar na Universidade de Madrid; pertencia, pois, a outra geração e pôde mais facilmente aderir às novas idéias.

nicht besser krönen als durch einem portugiesischen Sprach-atlas” (1).

Mas a seara era grande, e o Dr. Leite nascera em 1858 — já passara dos quarenta anos quando surgiu a Geografia Linguística com a sua poderosa renovação. Era muito tarde para recomeçar...

Seja como for, o Dr. Leite é um exemplo e um pioneiro: veja-se como, desde a mocidade, procurou associar a língua e a etnografia — união fecunda e indispensável que integra os fenómenos sociais no seu conjunto. A sua *Etnografia Portuguesa*, (I, 1933, 400 págs.; II, 1936, 728 págs.; III, 1942, 803 págs.) é uma catedral gótica, trágicamente inacabada... Com que emoção se lêem estas palavras:

“Sai à luz o vol. III da *Etnografia*, em condições difíceis de trabalho da parte do Autor, pois que está escrevendo estas linhas na idade de oitenta e dois anos e meio e muito falta de vista e de robustez” (2).

Num dos seus últimos trabalhos encontramos êste comovedor desabafo:

“Em verdes anos maior proveito eu colheria... Farei todavia o que puder. Ao menos não me pesa na consciência que eu jamais na vida perdesse tempo”. (*Da fala de Barrancos*, in *Bol. de Fil.* vi, 1939, pág. 172).

Hoje o vasto campo perlustrado por José Leite está confiado a três valorosos investigadores que, singular coincidência!, se partem pelos maiores centros intelectuais do país: Ma-

(1) Cf. a *Révue de Dialectologie romane*, I, pág. 95 do *Bullétin*.

(2) Da sua real modéstia (apesar da obcecante preocupação das prioridades) cito apenas um exemplo: havendo tencionado realizar uma ed. crítica e comentada das obras de Gil Vicente, desistiu disso, “principalmente porque a Sra. D. Carolina Michaëlis tomou para si a empresa, com capacidade incomparavelmente superior à minha”. (in *Opúsculos*, I, pág. 329 n.)

nuel de Paiva Boléo (Coimbra), Orlando Ribeiro (Lisboa) e Jorge Dias (Porto). É evidente que cada um tomou direção própria, de acordo com a sua personalidade.

*

* *

Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (Lisboa, 6/1/1840 a 13/9/1914) foi o introdutor dos estudos de fonética, ao escrever, em 1882, na revista *O Positivismo*, uma recensão ao famoso artigo de Schuchardt intitulado *Die Cantes Flamencos*, publicado na *Z. R. Ph.*, v.

Dessa maneira o filólogo lisboeta foi levado a estudar a vestidura dos sons, ou seja a grafia. Tal como os seus predecessores em tais cogitações — Luís António Verney e António Feliciano de Castilho — Gonçalves Viana logo se apercebeu de que a escrita portuguesa era caótica e incoerente.

Armado de sólida preparação filológica, Gonçalves Viana conseguiu criar um sistema de grafia que, baseado na história da língua, é de simplicidade e facilidade enormes. Expô-lo em sua clássica *Ortografia Nacional* (Simplificação) e uniformização sistemática/das/Ortografias Portuguesas/Lisboa, 1904, 454 págs.

Seis anos depois o governo da República nomeava uma comissão para estudar a reforma da grafia. Foram tomados como base, está claro, os trabalhos de Gonçalves Viana.

Além desse livro o emérito pesquisador publicou mais: *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise* (1883); *Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes* (Lípsia, 1903); a *Exposição da pronúncia normal portuguesa* (1892); as *Apostilas aos Dicionários portugueses I*, 1906; II, 1906; as *Palestras filológicas*, 1910.

Nos dois últimos apresentou-se como lexicógrafo, apresentando as letras filológicas com uma contribuição notavelmente importante.

Devemos até lamentar-nos, porque as letras portuguesas e brasileiras jamais tornaram a produzir trabalho desse género.

Gonçalves Viana foi, sobretudo, notável foneticista, altamente conceituado pelas sumidades do tempo: Sweet, Passy, Breyman, Wulff, e outros. Do que representou o seu trabalho, diz bem o Prof. F. M. Rogers: “Non-Portuguese students of the language of Camoëns in particular are constantly, dependent on the *Essai*, the *Exposição, Portugais*, and *Ortografia Nacional*. Cornu in Prague, Passy in France, Rollin in Germany and Hille Ford and Coutinho in the United States have one and all based themselves on the studies of Aniceto dos Reis Gonçalves Viana.” (in *Bol. de Fil.*, VII, Lisboa, 1940, pág. 9 da sep.).

Para finalizar este comentário, transcrevemos alguns passos de Vasconcelos, que tão de perto o conheceu e tratou:

“Viana era magro, alto, e andava de vagar, dando extensas passadas, como canchas. Quando falava, fazia-o com ênfase, como pessoa nervosa, e nas discussões perdia a serenidade.”

“Incapaz de uma impostura, de uma mentira, se uma vez ou outra contrapunha injustamente palavras ásperas a quem o rebatia, não procedia assim por malquerença ou de propósito: dominava-o o seu nervosismo, a sua imaginação.”

“Os seus conhecimentos consistiam principalmente em línguas e em literaturas modernas. Faltava-lhe talvez um pouco de disciplina, porque em novo não seguira com intensidade estudos regulares. Estes convem sempre, por modestos que sejam, a quem haja de se dedicar à ciência, porque obrigam a método e a ordem. No campo da Filologia, Viana cultivou de preferência,

como já sabemos, a Fonética viva, tanto portuguesa como geral. A Literatura medieval bem como a Sintaxe e a maior parte da Morfologia eram-lhe menos familiares. Viana não tinha paciência para se embrenhar em arquivos, decifrar manuscritos, ler obras arcaicas, meditar contextura da frase, e tomar notas trabalhosas. Nem todos podem servir para tudo!"

"O seu aparecimento no nosso país até constituiu um fenómeno muito notável: Viana, como foneticista, formou-se a si mesmo, sem mestres, sem tradições, sem laboratórios, e sem sair de cá, pois que só tarde, já depois de ser conhecido, se relacionou com muitos filólogos, e viajou por fora de Portugal (França, Alemanha, etc.)" (1).

*

* *

Para, com justeza, falar de D. Carolina Michaëlis, era precisa outra pena, bem mais sensível e sabedora do que esta com que vou traçando as páginas deste livro.

(1) Vj. *Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biografia*, Lisboa, 1917, págs. 26 e 27. O opúsculo traz um retrato de Viana e dados biográficos do famoso actor Epifânio Aniceto Gonçalves, pai do Mestre. No segundo aniversário do seu falecimento, a Academia das Ciências de Lisboa prestou-lhe uma homenagem, dedicando-lhe o tomo x do seu *Boletim*, onde, além de estudos doutrinários, há o supra-referido trabalho do Dr. Leite, notas biográficas e bibliografia (144 números) coligidos por Álvaro Neves. Cf. ainda: Cláudio Basto, *A. R. Gonçalves Viana*, in *R. Lus.* xvii, (1914) págs. 209-22; Oscar de Pratt, *A. R. Gonçalves Viana*, sep. dos *Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal*, Coimbra, 1915, 6 págs. Por ocasião do centenário do nascimento (1940) o Centro de Estudos Filológicos (Lisboa) dedicou-lhe o tomo vii do seu *Boletim de Filologia*, onde, além de artigos doutrinários, há as anotações de G. V. ao seu exemplar das *Apostilas*, e os artigos de J. P. Machado, *Gonçalves Viana* (págs. 1-16), e Rogers, *Gonçalves Viana and the study of Portuguese Phonetics*, (págs. 17-29).

Nascida em Berlim, aos 15 de Março de 1851, veio para Portugal vinte e quatro anos depois, (1875) em virtude do seu casamento com o crítico de arte Joaquim de Vasconcelos.

D. Carolina, que era auto-didacta, começou muito cedo a estudar e a escrever. Em 1867, com dezasseis anos, apenas, já publicava, em alemão, a *Fonética e notas gramaticais a respeito da redação espanhola da lenda de Crescência*.

Daí por diante o seu claro e profundo espírito iniciou a luminosa escalada que o levaria aos píncaros do saber.

D. Carolina acrescentava a uma erudição vasta e profunda uma admirável intuição, que lhe dava o dom de deslindar os mais difíceis e intrincados problemas de nossa literatura medieval. Também para o esclarecimento de etimologias, possuía "tato e mão feliz", artes que Spitzer julga imprescindíveis a todos que se abalançam a pesquisar a história das palavras.

Certo de seus grandes merecimentos, o governo português nomeou-a, em 1911, Prof. de Filologia Germânica na Faculdade de Letras de Lisboa, mas a emérita investigadora pediu transferência para Coimbra, onde regeu a cadeira de Filologia Românica.

Era largo e profundo o seu saber, que encantadora modestia ainda realçava. Da segurança com que trabalhou basta citar um exemplo.

O famoso etimologista Antoine Thomas, estudando o fr. med. *luberne* reconstituiu a base latina * *lupernu* e, do alto da sua Ciência, observou:

"Une note de M^{me} Michaelis de Vasconcellos (*Z. R. Ph.*, xxv, 169) m'apprend que, parmi les peaux mentionnées dans les anciens textes portugais, figurent les peaux de *luberno*; l'éminente romaniste déclara d'ail-

leurs que ce mot lui est inconnu et l'identifie avec *lubezno* "jeune loup". On voit que le galicien n'est pas monnaie courante, même à Lisbonne." (in *Romania*, xxix, 183).

Mas a suposição de D. Carolina — de que o *luberno* dos textos portugueses fosse outra forma de *lubezno* (<**lŭpŭcŭnu*) — teve a confirmá-la o grande romanista Hugo Schuchardt, que, destruindo o **lupernu* reconstituído por Thomas, acrescentou, corrigindo-lhe a observação final:

"Die Dame wohnt in Porto, also dem Galizischer viel näher, aber sie ist im vorliegenden Falle auch der Wahrheit viel näher als Thomas." (*Z. R. Ph.*, 26, págs. 422-3) (1).

Podemos reunir em sete sectores principais a fecunda actividade de D. Carolina:

1 — *Idade-Média*. Para aqui pertencem:

a) *As Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*: I — Der Ammenstreit (*Z. R. Ph.* xx, 1896, 145-218). II — Ein Mantel-Lied. III — Vom Mittagbrod hispanischer Könige. IV — Penna veira (*Z. R. Ph.* xxv, 1901, 129-174). V — Ein Seemann möcht'ich werden, ein Kaufmann möcht'ich sein! VI — Kriegslieder. — Genetes. — Non ven al mayo! (*Z. R. Ph.* xxv, 278-321). VII — Ein Jerusalemspilgrim unde andere Krauzfahrer (*Z. R. Ph.* xxv, 533-560). VIII — Tell'Affonso de Meneses. IX — Wolf-Dietrich. X

(1) O próprio Thomas teve de reconhecê-lo mais tarde, pois, referindo-se à opinião de Schuchardt, diz que "est approuvée par Meyer-Lübke, R. E. W., n.º 5169, et je m'y rallie à mon tour." (nos *Mélanges d'étymologie française*, 2.ª ed., 1927, pág. 135 n.). Vj., contudo, a instrutiva nota do dr. Joaquim da Silveira, na *Revista Lusitana*, 35, 1937, págs. 114-6, e o verbete de Corominas (III, pág. 118).

— Das Zwiespalt-Lied des Bonifacio Calvo (*Z. R. Ph.* xxvi, 1902, 56-75). XI — Im Nordoesten der Halbinsel. XII — Romanze von Don Fernando (*Z. R. Ph.* xxvi, 206-219). XIII — Don Arrigo (*Z. R. Ph.* xxvii, 1903, 153-172; 257-277; 414-436; 708-738). XIV — Guarvaya (*Z. R. Ph.* xxviii, 1904, 385-434). XV — Vasco Martinz und D. Afonso Sanchez (*Z. R. Ph.* xxix, 1905, 683-711).

b) *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada. I — Texto, com resumos em alemão, notas e esquemas métricos. Halle (1904), xxviii, 924 págs. II — Investigações bibliographicas, biographicas e historico-literarias. Halle, (1904), 1001 págs.

Dezasseis anos mais tarde D. Carolina completou esse monumental trabalho com o *Glossário* (*R. Lus.*, xxiii, 1920, págs. 1-95).

c) *A propósito de Martim Codax e das suas cantigas de amor*, in *R. F. E.* II (1915), 258-273.

d) *Mestre Giraldo e os seus tratados de alveitaria e ce-traria*. Parte I: Estudo literário, 1911, págs. 5-77.

2 — *Estudos lexicográficos e etimológicos*. Pertencem para aqui:

a) *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, Lípsia, 1876, viii, 300.

b) *Portugiesische Etimologien* [trata de *sengo*, *nanja*, *em que*, *êndez* e *meigo*], in *Z. R. Ph.* vii, 1884, 102-115.

c) *Studien zur hispanischen Wortdeutung*, na *Miscelanea di Filologia dedicata alla memoria dei prof. Caix e Canello*, Firenze, 1885, 113-166.

d) *Tangro mangro*, in *R. Lus.* I (1887-9), 66; *Etimologias portuguesas*, in *R. Lus.* I, 117-132; 297-305; *Fragmentos*

etimológicos, in *R. Lus.* III (com separata de 62 págs., 1894); *Contribuições para o futuro dicionário etimológico das línguas hispânicas*, in *R. Lus.* XI (1908), 1-62; *Taibo*, in *R. Lus.* XII (1909), 133-138).

e) *Mestre Giraldo e os seus tratados de alveitaria e ce-traria*, Lisboa, 1911. Parte II: Estudos etimológicos. Contribuições para o futuro dicionário etimológico das línguas románicas peninsulares, págs. 78-288.

f) *Algumas palavras a respeito de púcaros em Portugal*, 2.^a ed. (revista e aumentada), Coimbra, 1921; *A saudade portuguesa*, 2.^a ed. (revista e acrescentada), 1922.

g) *Em volta da palavra gonzo* (sep. de *A Águia*, n.º 45). Porto, 1915, 15 págs.; *Miscelas Etimológicas* (in *Homenaje a Menendez Pidal*, III, 1925, págs. 441-473).

3 — *Estudos relativos a Camões*. Pertencem para aqui:

a) Wilhelm Storek, *Vida e Obra de Luís de Camões*. — Versão do original alemão anotada por... Lisboa, 1897-8, 744 págs.

b) *Os Lusíadas* (texto, com introdução de D. Carolina), Estrasburgo, 1905-1908.

c) *Estudos Camonianos*. I — *O Cancioneiro Fernandes Tomás*. Índices, nótulas e textos inéditos, Coimbra, 1922, IX, 171 págs.

d) *Estudos Camonianos*. II — *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. Coimbra, 1924, 129 págs.

e) *A Infanta D. Maria de Portugal (1521 a 1577 e as suas damas)*, Porto, 1902, 121 págs.

4 — *Estudos relativos a autores do século XVI*.

a) *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*. Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas, acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato, Halle, 1885; *Novos estudos sobre Sá de Miranda* (in *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, X, 1911, págs. 9-230).

b) *Lucius Andreas Resendius, inventor da palavra Lusíadas* (in *O Instituto* LII, 1905, 241-250); *Lucius Andreas Resendius Lusitanus* (in *Archivo Historico Portuguez*, III, 1905, 161-178); *André de Resende e a crónica do mouro Rasis* (in *O Archeologo Português*, XXIV, 1919-1920, 177-193).

c) Introdução à edição das *Obras* de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, largo estudo que ocupa um volume de 322 págs. (Coimbra, 1923).

d) *Pero de Andrade Caminha* (separata da *Révue Hispanique*, VIII), Paris, 1901. Longo artigo de 120 págs. D. Carolina contribuiu, também, para a edição que Priebseh publicou, das poesias desse quinhentista.

5 — *Estudos relativos a Gil Vicente*.

a) *Notas Vicentinas*. Preliminares de uma edição crítica das obras de Gil Vicente. I — *Gil Vicente em Bruxelas ou o jubileu de amor* (sep. da *RUC*, I, 1912), II — *A rainha velha e o monólogo do vaqueiro* (sep. da *RUC*, VI, 1917). III — *Romance à morte del Rei D. Manuel e à aclamação de D. João III* (sep. da *RUC*, VII, 1918). IV — *Cultura intelectual e nobreza literária*, Coimbra, 1922, 439 págs.

b) *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina*. Edición facsímil con una introducción, Madrid 1922. O estudo de D. Carolina contém 129 págs.

6 — *Obras de síntese.*

a) *Der portugiesische Infinitiv*, Erlangen, 1891, 74 págs. (sep. das *R. F.* VII).

b) *Geschichte der portugiesischen Literatur* (in *Grundriss der romanischen Sprachen*, II, 1897, págs. 129-382). Começou a ser traduzido por A. Hineker, em *O Instituto*, XLVII (1900), 225-230, 356-366.

c) *Lições de Filologia Portuguesa* (segundo as preleções feitas aos Cursos de 1911-12 e de 1912-13), ed. da *Rev. de Port.*, Lisboa, 1946.

d) I — *A metafonía na língua portuguesa.* II — *História da consoante "v" em português.* III — *História do fonema "n" em português.* IV — *O supletivismo nas línguas românicas e em especial em português* — *R. Lus.*, XXVIII, 1930, 16-41.

7 — *Romanceiro.*

a) *Romances velhos em Portugal*, 2.^a ed., Coimbra, 1934, 320 págs.

Como se vê, a obra fala (1).

*

* *

(1) Dentre os numerosos trabalhos escritos a respeito da Mestra, cumpre ressaltar: Leite de Vasconcelos, no *Boletim da 2.^a classe da Academia das Ciências*, v. 1912; Krüger, na *Z. R. Ph.*, 46, 513-516; Mendes dos Remedios, D. C. M. de V., Coimbra, 1926; M. Casás Fernández, no *Boletim de la Real Academia Gallega*, XXIII, 1943, 383-399. Em 1933 a Universidade de Coimbra dedicou-lhe uma grande *Miscelânea de Estudos* (1156 págs.!) em que colaboraram nacionais e estrangeiros. G. Moldenhauer organizou-lhe a bibliografia. Já antes, em 1927, a revista *Lusitania*, de que ela fôra diretora, dedicou-lhe um fascículo, o X,

O Dr. José Joaquim Nunes nasceu em Portimão, no Algarve, a 4 de Dezembro de 1859, e cerrou os olhos aos 20 de Julho de 1932 (1).

Foi infatigável estudioso e legou-nos numerosos trabalhos, muito ricos em factos e informações.

Não tinha a extensíssima cultura de um Leite de Vasconcelos nem a profunda intuição de um Adolfo Coelho. Apesar disso, prestou grandes serviços à Ciência e deixou-nos obras de síntese, repartidas no sector da gramática histórica e na literatura medieval.

O seu primeiro trabalho (germe da *Introdução da Crestomatia Arcaica*, 1906 e da *Gramática Histórica*, 1919) foi um extenso artigo na *Revista Lusitana*, III, 1895, intitulado *Fonética histórica portuguesa*. Leite de Vasconcelos enriqueceu-o com preciosas anotações.

Seguiram-se outros estudos na mesma revista, pertinentes à dialectologia do Algarve, a textos arcaicos, a trovadores e, em suma, a vária matéria filológica.

O primeiro livro que Nunes escreveu foi, porém a *Crestomatia Arcaica*. Não falarei aqui da primeira edição, mas da segunda "correcta, aumentada e disposta segundo um plano inteiramente novo", s. d. (1921).

que contém, entre outros, os importantes artigos de W. Meyer Lübke, *Carolina Michaëlis e a Filologia Românica* (págs. 17-25) e de J. M. Rodrigues, *D. Carolina Michaëlis e os estudos camonianos* (págs. 45-60).

(1) A respeito, vj: *R. Lus.* xxx, 313-319 (com retrato e bibliografia); G. Cordeiro Ramos, no *Bol. da Academia das Ciências de Lisboa*, IX, 135-165 (com bibliografia); A. M., na *Rev. de Fil. e de Hist.* (Rio), II, 1933, 286-288. *A língua portuguesa*, III, Lisboa, 1932, pág. 99 e ss.

Far-lhe-ei, em primeiro lugar, uma crítica de conjunto, para, em seguida, deter-me em pormenores. É lamentável que Nunes não precedesse cada texto com breve apreciação literária e bibliográfica. É pena, ainda, que não haja anotações aos textos e que o *Glossário* seja tão deficiente e incompleto.

Vamos agora às minudências:

pág. xxii — Nunes ensina que são três espécies de elementos que constituem o vocabulário do português: os *populares*, os *semi-eruditos* e os *eruditos*. Essas expressões são, porém, defeituosas e inexpressivas; o que se há de dizer é que na língua ocorrem *elementos hereditários*, isto é, aqueles que pertencem ao fundo primitivo e caracterizam o tronco a que pertence o idioma, e os *elementos de empréstimo*, nos quais se incluem os *cultismos*.

pág. xxiv — Deve corrigir-se *humeru* em *ũmëru*.

pág. xxv — Nunes ensina que durante o período imperial a distinção de quantidade desapareceu, para dar lugar à de timbre. Sabemos, porém, que as vogais, com excepção do *a*, sempre aberto, eram longas e fechadas, breves e abertas. Desaparecendo a oposição de quantidade ficou apenas a de timbre.

pág. xxix — Deve riscar-se o exemplo, *delectu* > *deleito*, pois essa palavra portuguesa é semi-culta, com a permanência do -l- intervocálico.

pág. xxix — É errada a evolução de *cap'tellu* a *coudel*, visto que o *t* apenas se sonoriza quando está intervocálico.

pág. xxxi — É desnecessária a forma **passëru*. A informação do Appendix Probi: *passer* non *passar*, leva-nos a **passãru*, fonte do port. *pássaro*, esp. ant. *paxaro*, hoje *pajaro*.

pág. xxxiii — Hoje parece posto de lado o étimo *conjugare*, dado para *cangar*.

pág. xxxiv — Corrija-se *coena* em *cena*, que é a boa escrita latina.

pág. xxxiv — Corrija-se *sēpe* em *sēpe* (*saepe*) e *vīde* (de *videre*) em *vīde*.

pág. xxxv — Nunes diz que o lat. vulgar dizia *pīca* (*pega*) em vez de *pīca*, mas não explica essa alteração, que Körtling atribuiu (*L. R. W.* 3, 7131) à influência de *pez* < *pīce*. É preferível, porém, postular um lat. v. **pēca*: vj. as minhas *Fon-tes*,² pág. 59.

pág. xxxvi — Deve retirar-se o ex. *flore* > *flor*, pois se trata de palavra de empréstimo que não chegou até nós por evolução ininterrupta desde o lat. vulgar.

pág. xxxvii — Deve corrigir-se *scupa* (?) em *scopa*.

pág. xxxviii — O port. *cisne* não ascende directamente ao lat. vulg. *cycīnu* (por *cycnu*) mas é empréstimo do francês.

págs. xxxix (e lvii) — N. filia *mestre* em *magistru*, o que foneticamente não satisfaz. Parece-nos aceitável esta opinião de Leite de Vasconcelos: “Provavelmente o nosso obsoleto *maestre*, donde saiu *meestre*, e por fim *mestre*, vem do esp. *maestre* ou do fr. arc. *maiestre*. De facto, nos exemplos que conheço do uso antigo de *mestre* em português, como *mestre-sala*, *mestre* no sentido de “médico”, *mestre do Templo*, etc., a palavra relaciona-se com instituições sociais, e podia pois vir de fora com elas. No sentido moderno de “mecânico”, dizia-se antigamente *mesteiral*”. (cf. *O Livro de Esopo*, Lisboa, 1906, pág. 84 n.).

Acrescente-se que Corominas interpreta a palavra espanhola como um empréstimo ao catalão-occitânico.

pág. li — A forma *salnitru* não convém à terminação de *salitre*.

pág. LI — É errada a forma *sem'ta*, dada como intermediária de *semīta* a *senda*, pois, se assim fôra, o *t* não se sonorizaria. A evolução foi: *semīta* > *semeda* > *senda*.

pág. LIII — Nunes estabelece a equação *bucina* > *buzina*, sem dizer mais nada; a questão é muito mais complexa. O latim era *būcīna*, forma que em vastas áreas da România se transformou em **būcīna*, devendo-se o *ū* à influência da palavra *būcca*, e o *ī* ao modelo dos diminutivos em *-īnus*, *-īna*. De **būcīna* promanou o port. arc. *vozinha* (cp. *Inéditos de Alcobaca*, II, pág. 119), assim como o v. fr. *bu(i)sine*, e o velho prov. *bozina*. Cf. von Wartburg, FEW, s. v. O port. *bozina*, *buzina* e o cast. *bocina* (mas outrora com *z*) são, provavelmente, empréstimos tomados ao provençal. Acrescentarei, ainda, que a nossa palavra *búzio*, “concha” promana de *būcīnu*, através de **búzeno* e **búzẽo*.

pág. LIX — O arc. *sergente* não ascende ao lat. *serviente*, mas é empréstimo do francês.

pág. LXV — Não é correcta a evolução de *nave* em *nau*, pois a palavra portuguesa é empréstimo do catalão.

pág. LXVIII — *Faece* não passaria a *fêz*, mas a *féz*. Cp. *faeces* > *fézes*. Observemos, contudo, que essa palavra latina — de etimologia insegura, provavelmente empréstimo tomado a uma língua mediterrânea (Ernout-Meillet, s. v.) — apresenta também uma forma *fēx*, *ēcis*, com *e* longo. Os representantes românicos, com exceção do espanhol, postulam *e* breve: cf. REW, 3140; FEW, III, pág. 366; M. L. Wagner, *Studien über den sardischen Wortschatz*, 1930, pág. 130; Corominas, s. v.; Garcia de Diego 2641 (onde cita o salmantino *diez*, que pressupõe **fiez*, com ditongação de *e* breve). A palavra portuguesa é *pluralia tantum*; são raros os exemplos do singular: cf. Morais⁴, s. v.

pág. LXXIX — São positivamente erradas as formas *ver'cunna*, *ser'cu*, *jud'care*, *med'ca*, *vind'care*, *und'cim*, *man'cu*,

man'ca, *sen'cu* e *domin'cu*, que, a existirem, não se transformariam em *vergonha*, *sirgo*, *melga*, *vingar*, *onze*, *mango*, *manga*, *sengo* (arc.) e *domingo*. A sonorização da consoante surda precedeu a síncope da postônica: *ver'gonnia*, *sir'gu*, *jud'gare*, *med'ga*, *vind'gare*, *ond'ze*, *man'gu*, *man'ga*, *sen'gu* e *domin'gu*.

pág. LXXXI — Acerca da forma *pinctare* vj. o que dissemos nas *Fontes do latim vulgar*³, pág. 142.

pág. LXXXIII — Estão erradas as formas intermediárias *sem'ta*, *sem'tariu*, *com'te*, *lim'te*, *bon'tate*, *poen'tentia*, *repent'ere* — pois as palavras portuguesas pressupõem que a sonorização da surda precedeu a queda da vogal átona.

pág. LXXXVI — Pela mesma razão nunca existiram, no latim lusitânico, as formas *caval'care*, *gal'cu*, *sal'cariu*, *foll'care*, *del'catu*.

pág. xcv — Nunes sustenta que as formas *vinte* e *trinta* só podem explicar-se pela deslocação do acento da penúltima para a antepenúltima, isto é, *víginti* e *tríginta*. Tal deslocação, entretanto, não é necessária para explicar esses numerais: vj. o que escrevemos nas *Fontes do latim vulgar*³, 93-94.

pág. cxv — A respeito do lat. **agīna* étimo do port. arc. *aginha*, Nunes cita o *L. E. W.*, de Körting, dicionário que, porém, não esclarece a palavra latina. O *R. E. W.*³ limita-se também a registrar **agīna*, *pressa*, sem explicar a origem. É certo, porém, que se trata de um pos-verbal do verbo *agīnāre*, — agitar-se, até agora *hapax* de Petrónio. Perrochat, *Le festin de Trimalcion*, 1939, pág. 93.

Quanto ao *Glossário*, vejamos:

pág. 547 — Hoje foi, definitivamente, afastada a etimologia *pellacāna* (de *pellex*?) para *barregã*. A palavra é de origem incerta, germânica talvez. Significou, primeiro, homem jovem (cp. a evolução de *manceba*, “concubina”, fem. de *man-*

cebo). É palavra exclusivamente espanhola e portuguesa, documentada nesta última desde o séc. XIV. Cf. o belo artigo de Corominas, s. v. *barregán*.

pág. 547 — Não é muito claro nem correcto dizer que *achegar* se origina de *a+plicare*. Há de dizer-se: *achegar* < *applicare* < *ad+plicare*. Cf. o que escrevemos na *História da Língua Portuguesa*, pág. 261.

pág. 553 — A palavra *baldosamente*, que é um hapax da *Demanda do Santo Graal*, não significa *imediatamente*, mas sim *com brio, com garbo*: cf. o Glossário da ed. de Augusto Magne, s. v..

pág. 555 — A palavra *çarrar* reflecte o lat. *serrare*, cruzado com *circare*, cercar.

pág. 559 — A palavra *coteife* não significa baixo, vil (de nascimento ou condição) — mas sim “soldado que fazia algarradas em terra inimiga, recolhendo despojos”, (M. Pidal, in *R. F. E.*, I, 86).

pág. 561 — Registrando *desassessegado*, pergunta Nunes: atrevido? A palavra ocorre no *Espelho de Cristina* (1518): “Non sejam guarrydas, nẽ *desassessegadas* cõtra os homẽs...” — e é fora de dúvida que significa *sem compostura, saliente, oferecida, assanhada, provocadora*.

pág. 562 — A propósito da etimologia de *cansar*, devemos lembrar que os romanistas se dividem entre *campare* e *quassare*: cf. o magnífico verbete de Corominas, s. v. Posteriormente ao grande filólogo catalão, Malkiel publicou longo e documentado artigo, onde conclui que *cansar* resulta de um cruzamento entre *quassare* e *campare*: cf. a *Nueva Revista de Filología Hispánica*, IX, 1955, págs. 225-276.

pág. 565 — Evidentemente *esbofarido* não se origina de *evaporitu*, étimo que Nunes aponta com dúvida. Trata-se de palavra de origem imitativa.

pág. 564 — Nunes registra a locução *encimba*, (em cima) que ocorre num texto de 1502. É o seguinte, transcrito fielmente à pág. 211: “Ho veo mesmo que pooẽ a ella *ẽcima* da cabeça, pooẽ a elle *ẽcima* dos õbros...” do *Sacramental*, de Sanchez de Verçial, 1502, fls. 161).

A nosso ver, porém, não existe essa forma, tratando-se apenas de uma simples *prolepse gráfica*: o copista, por causa do *b* seguinte, de *cabeça*, inconscientemente o intercalou na palavra *ẽcima*.

pág. 575 — Registrando o verbo *loir*, brincar e, substantivado, *brincadeira*, acrescenta N. a seguinte nota: “Segundo D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (*Zum Liederbuch des Königs Denis von Portugal*) sendo a troca de conjugação de vida a analogia com *pruir*, *puir* (*buir*)”.

Entretanto não é esse o fiel pensamento da Mestra, que escreveu: “Das hapax *loyr* ist möglicherweise verderbt für *rijr*. Doch könnte es auch ein Vertreter des lat. *ludere* sein.” — e em nota acrescentou: “Konjugationswechsel wegen der Analogie zu *pruir*, *puir* (*buir*)”. (op. cit., sep. da *Z. R. Ph.*, XIX, 1895, pág. 26).

O Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, de Nunes, representa um marco em obras dessa espécie. É notável pela erudição segura, pelo método eficiente e moderno, pela imensa cópia de materiais escrupulosamente recolhidos e estudados. A 1.^a ed. é de 1919 e a 2.^a de 1930.

Infelizmente não lhe sobrou tempo para completar a obra, pois lhe faltam a Sintaxe e a Semântica.

É natural, porém, que em tão vasta cópia de materiais haja, aqui e além, pequenas falhas. Vejamos algumas:

pág. 40 — substituir *coena*, má grafia, por *cena*.

pág. 51 — não me parece feliz a lição de Nunes, de que “*frio* parece provir não de *frigidu*, mas de *fridu*, resultante

de *fricdu*, forma citada no Ap(p)endix Probi." O *fricdu* do *Appendix Probi* é grafia que reflete a pronúncia *frig'du*, anterior ao *friddu* (g'd>dd) que explica o it. *freddo*, mas que não convém ao port. *frio*. Este pode explicar-se por *frigedo*>**friedo*>*friuo*>*frio* (cp. *digitu*>*dégeto*>*deedo*>*dedo*).

pág. 52 — não é correto exemplificar *flore*>*flor*, pois a palavra portuguesa, como se vê de seu fonetismo, é emprestimo ao latim.

pág. 52 — *scupa*?

pág. 52 — a respeito de *ovu*>*ovo*, vj. o que escrevemos aqui, noutro lugar.

pág. 53 — ponha-se asterisco em **nōra*<*nūra*+*sōcra*, *sōror*.

pág. 57 — corrigir *rūgitu* em *rūgitu*. O R. E. W., de certo por engano, traz *rūgitus* (n.º 7429). Aliás na pág. 60, J. J. N. traz, corretamente, *rūgitu*.

pág. 60 — não é normal, por causa da permanência do -l-, a evolução de *bilancia* em *balança*.

pág. 60 — a respeito de *conjugare*>*cangar*, vj. o que dissemos aqui, noutro lugar.

pág. 61 — não é correto exemplificar *tenace*>*tenaz*, pois a palavra portuguesa é anormal, como se depreende da manutenção do -n-.

pág. 61 — não é correcto exemplificar com *panaria*>*pe-neira*, pois a palavra portuguesa é anormal, como se depreende da manutenção do -n-.

pág. 65 — falta o asterisco em **vagativu*. Vj. pág. 108.

pág. 95 — a palavra *ruço* não se origina de *luteu* sob influência de *russeu*; prende-se a *ruscidu*.

pág. 114 — em vez de *monistariu* é preferível postular **monisteriu* (môesteiro): cf. a minha ed. de A. de Resende, *A santa vida de frei Pedro*, pág. 96. E vj. J. J. N., 150 n.

pág. 114 — não há razão para estabelecer-se a equação, *fini-* (assim em latim arcaico: cp. *finire*)>*fim*. É regular a evolução *fine*>*fii*>*fi* (fim). Cp. *riem*>*rím*.

pág. 148 — Note-se que é anormal a permanência do -l- nas palavras *maleitas* (*maledictas*) e *deleito* (arc.) (*delictu*).

pág. 148 — acerca de *müstione*>*mochão*, vj. o nosso artigo *Regionalismo, arcaísmo e fonética histórica*, publicado na *Revista Brasileira de Filologia*, I, 1955, pág. 23-6.

pág. 149 — emendar *geira* em *jeira* (<*diaria*).

pág. 150 — A etimologia *nūbiu*, para *noivo*, foi substituída por **noviu*: vj. o R. E. W³, 5971.

pág. 156 — A grafia *muntu*, em grafito de Pompeia, parece má leitura: cf. as minhas *Fontes*², pág. 151.

pág. 217 — Nunes estabelece a cadeia lat. cl. *viginti*, lat. pop. *vinti*, port. arc. *viinte*, port. mod. *vinte*, mas, se a palavra ascende ao lat. pop. *vinti*, como explicar os dois *i* do port. arc. *viinte*? Cremos que é outra a evolução desse numeral: vj. as *Fontes do latim vulgar*³, 93-94.

pág. 226 n. — Nunes parece aceitar que a forma *tredo* se prenda a *tráditor*, o que é muito pouco provável, atentas as normas de nossa fonética histórica. É mais certo que tal palavra se origine do lat. vulg. *tetru*, doc. no *Appendix Probi* (*teter non tetrus*), como, aliás, o próprio Nunes parece reconhecer.

pág. 226 n. — Escreve Nunes: "Para *serpe* admite Körtling, s. v., *serpens*, o étimo *serps*, que existiria ao lado de *serpens*;..."

De facto, o dicionarista alemão registra a forma *serps* em um códice de Venâncio Fortunato — mas a boa doutrina é outra: vj. as minhas *Fontes*³, pág. 126 e *Humanitas*, II, pág. 77.

pág. 248 — Nunes erra ao dizer que o autor do chamado *Appendix Probi* é o gramático Probo: cf. o longo capítulo

que dedicamos àquele texto, em nossas *Fontes do Latim Vulgar*, 3.^a ed., 1956, págs. 27-52.

pág. 303 — corrija-se *regeitar* em *rejeitar*.

pág. 336 — Nunes diz, em nota, que Gil Vicente e outros escritores do tempo usam ainda *argo*; podia ter acrescentado que esta forma verbal aparece ainda em escritores do fim do século, como Diogo Bernardes.

pág. 336 — Nunes fala em *arsi*, *arseste*, *arse*, *arsemos*, *arsestes*, *arserom* (e daí: *arsera*, *arsesse*, *arser*, etc.). O filólogo português devera ter, porém, exemplificado, já que a existência de tais formas parece muito duvidosa.

pág. 348 — tratando do perf. do verbo *ver*, N. estabelece a seguinte evolução: *vei* > *vü* > *vi* — cadeia desnecessária, pois é longo o *i* de *vīdi* (*vii* > *vi*).

pág. 358 — emende-se *quóttidio* em *cottidio*.

pág. 361 — emende-se *interium* em *intërim*.

pág. 366 — a respeito do complexo problema da origem da prep. *até* e de suas formas arcaicas (*atêes*, *atêe*) vj. o que escrevemos nos *Rumos*, 38-50.

pág. 369 n. — emende-se *Alha* em *Alla* (Alá).

Depois de tantas restrições e até correções, é natural que os principiantes sintam certa surpresa e desânimo. Se Nunes, um dos corifeus da ciência filológica, assim deslizava da verdade, que será de nós outros, que ensaiamos os primeiros passos?

Mas não há razão para estranheza. É que, de um lado, quando Nunes recolhia os materiais para a Gramática, a Fonética Histórica ainda estava na fase de constituição; e, de outro, todo sábio guarda sempre, no curso da vida, o ranço de velhas ideias superadas, mas aprendidas na juventude.

Podíamos, ainda, ter dado certo relevo a alguns trabalhos seus, como os *Dialectos Algarvios* (na *R. Lus.*, VII, 33-35,

104-105, 244-264), *As cantigas paralelísticas em Gil Vicente* (na *R. Lus.*, XII, 241-267), *O elemento germânico no Onomástico português* (em *Homenaje a Pidal*, 1925). *A fauna na Toponímia portuguesa* (Coimbra, 1925), a *Evolução da língua portuguesa. Exemplificada em duas lições principalmente da mesma versão da Regra de S. Bento e ainda nos fragmentos da mais antiga que se conhece*. Com Introdução e Glossários (Coimbra, 1926); as *Digressões Lexicológicas* — (Lisboa, 1928), as *Contribuições para um dicionário de língua portuguesa arcaica* (na *R. Lus.*, XXVIII, 1928-29, págs. 5-79: trata-se de material do mss. Jorge de Faria), as correções ao Cancioneiro de D. Denis (ed. Lang), na *Miscelânea Carolina Michaëlis*, 1933, págs. 200-295, as *Cantigas de Martim Codax* (na *R. Lus.*, XXIX, 1931, págs. 5-32). De outros trabalhos — como edições de textos e métodos etimológicos — falou-se nos lugares próprios.

*

* *

Antônio Augusto Cortesão nasceu perto de Coimbra, em S. João do Campo, aos 16 de Dezembro de 1854. Aos vinte e sete anos formou-se em Medicina, em sua famosa Universidade. E lá sempre exerceu a profissão, até cerrar os olhos, aos 8 de Janeiro de 1927.

Mas, de par com o exercício da clínica, desde cedo se dedicou aos estudos filológicos. Encastelou-se num dos ramos mais trabalhosos e mais úteis do estudo de uma língua: a pesquisa dos seus documentos, de todas as épocas.

Por amabilidade de Jaime Cortesão, pude compulsar vários livros (todos muito preciosos!) que lhe pertenceram. Neles, com as margens cobertas de anotações, vê-se o quanto os estudava o operoso autor dos *Subsídios*.

É comovente saber-se que, à beira da morte, na última fase da sua paralisia agitante, Cortesão ainda estudava, e, com a mão trêmula, anotava ou corrigia!

BIBLIOGRAFIA DE A. A. CORTESÃO

1 — *Noções elementares de gramática portuguesa* (pelo método indutivo) — 1896.

2 — *Nova gramática portuguesa*, 6.^a ed., 1904, 7.^a, 1907 (aprovada por decreto de 11 de Março de 1907).

Trata-se de refundição da velha gramática de Bento José de Oliveira (*Nova gramática portuguesa*, 1.^a ed., 1862) a qual, como bem disse Leite de Vasconcelos, “é principalmente uma diluição da *Gramática latina* de Alves de Sousa e da *Gramática philosophica* de Soares Barbosa, etc., com umas tinturas do *Genio* de Leoni; apesar do progresso da filologia moderna, ainda teima de vez em quando em aparecer em nova edição à superfície das bancas das nossas escolas primárias a mortificar os cérebros das crianças”. (*A Filologia Portuguesa. Esboço Histórico*, 1888, in Op. iv, 884).

Pois tal obra, depois de reformada e modernizada por A. A. Cortesão, tornou-se uma das melhores gramáticas portuguesas!

Um ou outro defeito que tem, é inevitável em obras dessa espécie.

É interessante observar que Cortesão foi um dos primeiros adeptos de reforma ortográfica. Em Maio de 1904 escrevia: “No que, porém, resolutamente abandonamos a rotina, enveredando por novas vias, foi no sistema ortográfico. Optamos por essa ortografia que pode ser chamada *científica* ou *racional*.”

A atenção com que temos seguido as tentativas últimamente realizadas para estabelecer e uniformizar científica-

mente a ortografia portuguesa (principalmente os trabalhos dos eminentes filólogos adiante citados), trouxe-nos ao espírito a convicção de que seria retrogradar não querer auxiliar com a nossa insignificante cooperação tão brilhante e benemerente campanha em prol do nosso pátrio idioma. Seria um crime de lesa-filologia.” (Prefácio da 26.^a edição).

3 — *Subsídios para um dicionário completo (histórico-etimológico) da lingua portuguesa*, 2 tomos e um Aditamento, 1900-1901.

Traz a seguinte dedicatória:

À saúdosa memória
de
Bento José de Oliveira.
pública homenagem de gratidão inolvidável
do seu afillhado dilecto
A. A. Cortesão.

Vejamos como o Dr. Cortesão abre o Prefácio: “Ningúem por certo ignora a deficiência e as incorrecções dos nossos vocabulários, — ainda mesmo dos que melhor cotação teem no mundo literário do nosso país. Quem houver mister qualquer elucidação sôbre o significado de muitos termos arcaicos, que abundam nas nossas velhas crónicas e mais monumentos literários, e sôbre a origem ou etimologia de certos termos tanto antigos (alguns deles ainda empregados na linguagem popular), como modernos, que a cada passo se nos depa-ram, ver-se-á por vezes embaraçado, e não poucas vezes ficará por completo às escuras.”

Para, na medida do possível, obviar a tais dificuldades, foi que o emérito Professor pôs por obra, nas poucas horas ferriadas de que dispunha, os *Subsídios para um Dicionário Completo da Língua Portuguesa*.

E, ao terminar, assim se despedia dos leitores: “Pela nossa parte quisemos concorrer com a mezquinha pogeia do

nosso trabalho, com as pobres mealhas do nosso estudo para *desencalveirar* os dicionários, que (na pitoresca frase de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos) são ou teem sido até hoje verdadeiros *calvários da língua portuguesa*. Creio que alguma coisa de útil fizemos nesse sentido. Outros mais competentes e eruditos que prossigam, erguendo fábrica de mais aprimorada arquitetura.”

4 — *Selecta literária*. Em colaboração com José C. Márquez Castanheira, 2.^a ed., 1909 (aprovado por decreto de 11 de Março de 1907).

Essa antologia, infelizmente muito pouco conhecida, compreende trechos do séc. XIII até fins do séc. XIX. No prólogo da 1.^a ed. (1904) escrevem os autores. “O trabalho que, sob o título de *Selecta literária*, apresentamos ao público é quasi inteiramente novo tanto na selecção dos trechos de leitura, como na sua disposição metódica, nos comentários gramaticais, notícias históricas, notas filológicas, etc., que os esclarecem ou explicam”.

E linhas abaixo: “Na selecção de trechos dos mais antigos documentos afastamo-nos um tanto da rotina, recorrendo somente àqueles que são reconhecidamente verídicos e abandonando os rançosos e nada ou pouco autênticos *poemas, cartas e canções* dos crendeiros e fabulistas Fr. Bernardo de Brito, Miguel Leitão de Andrade, e outros que tais”.

O livro é precedido de uma introdução acerca da origem e da divisão da literatura portuguesa. Junto aos trechos há notas filológicas e referências biográficas, com frequentes remissões aos *Subsídios* e à *Nova gramática portuguesa*.

Tanto quanto é possível distinguir-se em obras feitas de mão comum, parece que o trabalho é todo de A. A. Cortesão.

5 — *Onomástico medieval português* (separata do *Archeologo Português*, vol. VIII e seguintes). Lisboa, Imprensa Nacional, 1912.

Obra magnífica, a cujo respeito assim se externou o Dr. Leite de Vasconcelos; “Para os (materiais) antigos é valiosíssimo auxílio o *Onomástico Medieval* que o Dr. A. Cortesão está publicando no *O Archeologo Português*;...” (*Lic. de Fil.*, 1.^a ed., 1911, pág. 232). E vj mais a *Rev. Lusitana*, 29, pág. 316.

Os *Subsídios* revelam uma leitura vasta. O Mestre percorreu, com olhos de ver, grandes repositórios de documentação.

Ele mesmo o reconhece, modestamente: “Poucas novidades teremos apresentado; não será talvez muito extensa a obra propriamente original, mas compilar, coligir, coordenar e, por assim dizer, codificar, também é trabalho não muito para desprezar.

Neguem-nos até esse mérito se quiserem; a glória porém do trabalho, do muito trabalho, da boa vontade e comprovada paciência nas investigações, essa é que ninguém em boa consciência poderá regatear-nos. Seja esta muito embora a única glória.

A verdade é que alguns milhares de vocábulos ainda não registrados, tanto arcaicos como modernos, aparecem nesta obra, e muitas etimologias, bem determinadas umas, outras prováveis ou aceitáveis, são pela primeira vez indicadas ou corrigidas. As principais noções e leis fonéticas encontram-se não só em artigos especiais, mas também dispersas nos artigos referentes a cada vogal ou consoante, e a cada ditongo”. (*Ao terminar*).

De facto nos *Subsídios* encontramos farta messe de popularismos, arcaísmos e até mesmo expressões infantis. Para a colheita de palavras populares muito lhe valeu, sem dúvida, e ter exercido, largamente, a medicina. Ele próprio o deixa assim entender, elucidando: “Os vocábulos ou expressões populares que registramos referem-se principalmente aos conceitos de Coimbra e Cantanhede”. (Pref., nota).

Dessa maneira, apresentando farto rol de documentação, os *Subsídios* dão azo a que se façam estudos monográficos.

Visto, porém, sob o aspecto etimológico, ele apresenta dois defeitos: o excesso de etimologias espanholas, o que apenas transfere as dificuldades e os problemas, e a inexacta noção de *baixo latim*.

Baixo latim é a última fase da língua escrita, nada tem com o *latim vulgar*, antecessor das falas românicas. Além disso Cortesão refere-se, em verdade, ao *latim bárbaro*, isto é, à gíria tabeliônica, a qual constava, em boa parte, de arbitrária latinização de formas *romances*.

Exemplos não faltam: tira *abelha* do baixo latim (sic) *abelia*, *baralhar* do b. l. *baraliare*, *bestigo* do b. l. *besticulu* (sic), *braça* do b. l. *bracia*, *branco* do b. l. *blancu*, *brenha* do b. l. *brenia*, *cabana* do b. l. *capanna*, *cabeça* do b. l. *capitia*, *cachopo* (rapaz) do b. l. *cachopiu*, *carneiro* do b. l. *carnariu*, *casar* do b. l. *casare*, *centeio* do b. l. *centenu*, *chegar* b. l. *plicare*, *costura* do b. l. *consutura*, *coxo* do b. l. *cozu*, *cozer* do b. l. *cocere*, *cova* do b. l. *cova*, *derrubar* do b. l. *derripare* (sic), *descabelar* do b. l. *discapillare*, *descavalgar* do b. l. *descaballicare*, *desviar* do b. l. *deviare*, *dinheirada* do b. l. *denariata*, *durazio* do b. l. *durateu*, *encavalado* do b. l. *incaballatu*, *enfornar* do b. l. *infurnare*, *escanção* do b. l. *scantianu*, *espora* do b. l. *spora*, *esterçar* do b. l. *stercare*, *estrangeiro* do b. l. *straneariu*, *ferrar* do b. l. *ferrare*, *flaneta* do b. l. *flanella*, *fogaça* do b. l. *focacia*, *fogão* do b. l. *focone*, *franga* do b. l. *frangana*, *furão* do b. l. *furone*, *furtar* do b. l. *furtare*, *garça* do b. l. *gartia*, *gavião* do b. l. *gabilanu*, *granja* do b. l. *grangia*, *guerra* do b. l. *guerra*, *guiar* do b. l. *guidare* e dezenas doutros exemplos.

Por gentileza de Jaime Cortesão, tive em mãos, comovidamente, o exemplar dos *Subsídios* que pertenceu ao autor.

Com que enternecimento mergulhei os olhos naquelas páginas salpicadas de correções e aditamentos!

Como seria bom que um Editor bastante esclarecido pusesse ombros à tarefa de reeditar os *Subsídios*! Com algumas correções e com os acrescentos do próprio autor, o trabalho prestaria inestimáveis serviços aos estudiosos.

Torna-se impossível dar, sequer, impressão das numerosíssimas notas acrescentadas por Cortesão. Vale a pena, entretanto, referir a lista de novas fontes, que se lê na última página:

Eça de Queirós — *Correspondência de Fradique Mendes*, 1900.

Idem — *A cidade e as serras*, 1901.

Guerra Junqueiro — *Pátria, Os simples*, etc.

Alberto Pimentel — *Obras do poeta Chiado*.

Tomás Ribeiro — *A delfina do mal*, 2.^a ed.

Ramalho Ortigão — *Farpas*, 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a, 6.^a, 7.^a, 8.^a.

Teófilo Braga — *A Pátria Portuguesa*.

António Prestes — *Autos* (1.^a ed.).

Manuel Figueiredo — *Roteiro e navegação das Índias orientais* .. ed. de 1609.

J. Curvo Semedo — *Polyanthea medicinal* (ed. de 1704).

Monte Carmelo — *Compendio de Ortografia*, 1767.

Também referirei que à pág. III se lê a seguinte nota, do punho de Cortesão: “Quando se trata dum caso duvidoso... devemos continuar a seguir o uso geral, enquanto não tivermos razões científicas para o alterar”. (Dr. A. J. Guimarães, carta particular).

NOTAS AOS SUBSÍDIOS

Aduzer — C. interpreta como *aduzer*, citando, sem indicação de lugar, a *Miscelânea* de Miguel Leitão de Andrade.

Ora, além de se tratar de texto apócrifo (*O rouço da Cava*, pág. 456, 1629), lá está *adduxerō* (*adduxerunt*, p. perf.) o que pressupõe o infinito *aduzer*.

Aferçoar-se — C. dá-lhe o sentido de *afeiçoar-se* e cita um passo da *Ulissipo*.

Entretanto na ed. mais antiga que se conhece lê-se: “E foi o negocio que parece elle andava d’amores cō ella: a velha ca *affeçooselhe* em tãta maneira, . . . (fl. 219 r.).

Amorviado — A fonte é **amorbidatu*, ou, como talvez seja melhor, **amorbiatu* (de **morbium*, falso primitivo de *morbīdum*).

Ampró — Corrija-se para *amprō*. O fato de estar *amproo* no doc. cit. (*Leges*, p. 501 A.) não surpreende, pois era comuníssima a omissão de til. Se estivesse *ampróo* os acentos apenas indicariam o hiato. A fonte é *in prōnu*.

Anzolo — Essa forma, que se prende ao lat. *hamiciólū*, também se lê em Diogo Bernardes (*O Lyma*, 1820, 62), em fr. P. do Aveiro (*Itin.* ed. Baião, 79), entre outros.

Apañar — C. define: arc. Juntar o pão — e exemplifica: “Os lavradores *apanam* o pão et o sal. . .” (*Inq.* pág. 330 A. 1258). — A história do verbo *apanhar* merece mais algumas linhas. Meyer-Lübke (*R. E. W.*, s. v. *pannus*) diz que o espanhol *apañar* (que ele dá como fonte do port. *apanhar*) não está esclarecido semânticamente. A nós parece que o vocábulo é um termo nitidamente agrário; exprime a recolha do grão farináceo (trigo, centeio, cevada, milho, painço) ou a sega do centeio, pois ainda hoje nas provincias de Trás-os-Montes, Douro e Beira trasmontana chama-se *pão* tanto à seara como ao grão de centeio. Esse primitivo significado colectivo explica este exemplo do séc. xv: “. . . ; e se vires que aquella queda ou topadura faz inchaço em algũ lugar e tem ahy sangue apanhado em algũ lugar; . . .” (Pero Menino, *Livro de Falcoaria*, pág. 61). Nesse sentido revelou a palavra

grande vitalidade: *apanhadeira*: I — mulher que apanha cereais frutos. 2 — pá de apanhar o lixo; *apanhador*: 1 — aquele que apanha. 2 — pá de apanhar o lixo; (Douro e Minho); *apanha*, *apanho*, *apanhamento*, *apanhadura*, “acção de colhêr”. Cf., ainda, o trasmontano *arrepanar*, “tosar a erva com a mão”, registrado pelo Pe. Firmino A. Martins no *Folklore do concelho de Vinhais*, II, Lisboa, 1939, pág. 563.

Em dialectos da Espanha usa-se igualmente *apañar* com o sentido (que reputamos originário) de colher: “recoger lo que en el suelo está esparcido. Apañar hierba, castañas” (Garrote, 143); “juntar la parva para aventarla”. (Maldonado de Guevara, *Estudio sobre el habla de la Ribeira*, 1947, pág. 228); “coger o levantar algo del suelo: apañar hierba” (Acevedo y Huelves e Fernandez y Fernandez, *Vocabulario del bable de occidente*, 1932, pág. 17); “coier con les manes una cosa del suelu. . .” (ast. vj. Rato y Hevia, 12); “cosechar, recoger um fruto” (Zamora Vicente, *El habla de Merida y sus cercanias*, 1943, pág. 46); recoger frutos principalmente del suelo” (nas Canárias: vj. a *RFE*, xxviii, pág. 263); o sentido de “coger con las manos” permanece ainda no judeu-espanhol dos Balcãs, que, como se sabe, é muito conservador, reflecte a lingua do séc. XV: cf. Crews, *Recherches sur le judeo-espagnol dans les pays balkaniques*, 1935, pág. 291.

No português arcaico e antigo, a palavra *pão* tem o sentido de “trigo”: cf., por exemplo, D. João I, *Livro da Montaria*, págs. 45, 95, 118, 140, 156, 176; Gil Vicente, *Obras*, 1562, fls. ccxxi, ccxxii (três vezes) abonações todas que seria muito interessante transcrever e comentar; Duarte Galvão, *Crônica de D. Afonso Henriques* (ed. Castro Guimarães), págs. 20 e 118; *Crisfal*, verso 366; etc. Os exemplos poderiam multiplicar-se. No adagiário ficaram testemunhos desse antigo significado: “muito pão e má colheita”; “pão nascido, nunca perdido”; “semeia cedo, colhe tarde, colherás pão e vinho”; “a

terra branca não dá bom pão"; cf.: *Adágios, provérbios, ri-fões e anexins da língua portuguesa*, por F. R. I. L. E. L., Lisboa, 1780, págs. 199-201.

Em substanciosa nota, mostra M. L. Wagner que a palavra *pan* tinha em esp. antigo e tem nos dialectos da Espanha o sentido de "seara de cereais". Mostra ainda que ele tende, com freqüência, a restringir-se, passando a significar "centeio": assim o galego *pan*, "centeno, pendiente aún en las heredades e en las eras, sin majar" (Valladares, pág. 620) e o transmontano *pão*, "centeio" (Vila Real, Moncorvo: *R. Lus.*, XII, 113; XIII, 121). Cf. a *Biblos*, XXI, 1945, págs. 154-5.

Não seria desarrazoado, pois, pressupor um derivado **ad paniäre*. Posteriormente à publicação desta nota, Ebeling e Krüger, no seu rico estudo *La castaña en noroeste de la Península Ibérica. Estudio etnográfico-lexicográfico*, Mendoza, 1952, pág. 219, mostram com farta documentação que a palavra "tiene gran difusión en el Oeste con la acepción, de 'recoger lo que está esparcido en el suelo, cosechar'. Contudo, no que toca à etimologia, limitam-se a remeter para o *REW*. 6204 (s. v. *pannus*) onde se diz que o esp. *apañar* e o port. *apanhar*, entre outros, são "begrifflich nicht erklärt". Corominas, no seu recente e magnífico *Diccionario* procura justificar, semanticamente, a etimologia *pannus*.

Apresigar — C. abona-se com Camilo (*Bruxa*, pág. 11). Esse verbo pertence à linguagem popular e prende-se a *ad *prensicare* (L. de V., *R. L.* 27, 262).

Arrifar — C. abona essa palavra com um exemplo de Camilo; ela, porém, é muito mais antiga. Cf. Brás de Albuquerque, *Comentários*, 443.

A sabendas — Esta locução, que significa *cientemente*, deve prender-se ao gerúndio *sabendo*. Cp. D. Carolina Mi-

chaëlis, *Lic. de Fil.*, pág. 368 e J. J. Nunes, in *R. Lus.* XIV, 76-7. Cp. ainda a loc. a *querendas*, formada de ger. *querendo*.

Aseitar — C. define: armar ciladas ou traições e cita, sem indicar a página, os *Inéditos de Alcobaça*. Acrescenta: vide *asseetar* (a+sseeta+ar).

Trata-se, porém, de palavras diferentes. O *aseitar* (*asseitar*) "armar cilada", que aparece nos *Inéditos*, e em outros exemplos medievais, é evolução de *assectare*, intensivo de *assequi*, que do sentido de "acompanhar, seguir" passou ao de "perseguir" e daí ao de "armar ciladas". Lembrarei ainda que o povo português chamava *seitosa* à rainha D. Leonor, mulher de D. Fernando (cf. Fernão Lopes, *Crônica de D. Fernando*, ed. de D. Peres, I, Barcelos, 1933, pág. 208). Cf. J. M. Piel, in *Biblos*, XX, 1944, págs. 125-6 (ou *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega*, I, 1953, págs. 48-50); Y. Malkiel, in *Hispanic Review*, XVII, 1949, págs. 183-232. Note-se que o minhoto *seitar* "trabalhar com *seitoira* (<**sectoria*)" promana de *sectare*, der. de *sectum*, de *secäre*, "cortar." A propósito de *seitouro*, a, vj. Krüger, in *Die Gegenstandskultur Sanabrias*, 1925, págs. 185 e 230.

Bainha — C. escreve: Talvez do l. v. **guaina*, por *vagina* Meyer-Lübke, *Grammaire*, 1.º vol., pág. 363.

Ora, a palavra portuguesa continua, precisamente, a forma *vagina*. O fr. *gaine* é que pressupõe *wagina* (por infl. germ.).

Biombo — C. diz que é vocábulo china. Trata-se, porém, de equívoco evidente, pois a palavra é de origem japonesa: . . . hũs panos de armar da maneira que os Senhores Japões uzão, aos quaes chamão *Beobus*, que são dourados e pintados de muita estima entre eles, . . . "(L. Froes, *História de Japam*, 248).

Boneco — C. limita-se a mandar conferir o esp. *muñeco*. Há tempos, propusemos uma etimologia para esse grupo ibé-

rico; vj. o *Boletim de Filologia* (Rio), VI, pág. 86; VII pág. 143.

Canada — A respeito dessa palavra leia-se o que escrevemos no *Bol. de Fil.* (Rio), VII, pág. 144.

Carago — Cortesão pergunta se é palavra espanhola.

De certo que é o esp. *carajo* representado pelo *g* o *j* aspirado.

O étimo é **caracūlu*; vj. a nossa *História da Língua Portuguesa*, pág. 267. Corominas, s. v. dá outra hipótese.

Carulha — C. averba-a com o sentido de gralha. O exemplo, tirado a M. L. de Andr., *Miscelânea* (pág. 459 da ed. príncipe 1629), não faz fé, por estar na apócrifa canção do figueiral.

Ceenço — À primeira vista pode parecer erro de leitura, pois a palavra continua o lat. *silentiu*. Todavia o facto de haver mais exemplos mostra que se trata de ass. silábica.

Choutar — O étimo não é *toluttare*, mas provavelmente *saltare* (cf. Joaquim da Silveira, in, *R. P. F.*, I, pág. 420-1).

Colmo — Ascende a *culmu* e não a *calmu*, de *calamu*; ou, melhor, se nos lembrarmos das formas ditongadas leonês, *cuelmo* e asturiano *cuelmu*, a um céltico **cōlmos*, irmão do latim *cūlmus*. A área da palavra é exclusivamente o noroeste da Hispânia (leonês e galego-português). Cf. Corominas, s. v.

Decrepidue — C. abona-se com um passo de *Leal Conselheiro*, mas, evidentemente, essa palavra deve ler-se *decrepidõe* (decrepitudine). Cf. a ed. Piel. pág. 11 n.º 3.

Deestra — (arc.) A dupl. dos *ee*, se de *facto* existiu, deve-se à influência do antónimo *seestro* (sīnīstru).

Deis — Este exemplo, bastante estranho, bem como *ei* e *mei*, não pode ser levado a sério, pois está num texto apócrifo (*O rouço da Cava*, in Miguel Leitão de Andrade, *Miscelânea*, 1629, pág. 458-9).

Deceinar. C. abona-se com um exemplo seiscentista (Diogo Fernandes Ferreira, *Arte da Caça*, 1616), mas a palavra já está no falcoeiro Pero Menino (séc. XIV). Aliás a boa grafia é *desseinar*. Posteriormente aos *Subsídios*, D. Carolina Michaëlis escreveu magistral estudo acerca dessa palavra e de outras do mesmo grupo. (vj. a *Rev. Lus.*, XIII, 1910, pág. 376-389). Cf., ainda, Jud, na *Vox Ro.*, XIII, págs. 263-5.

Diamont — C. abona-se com o *Leal Conselheiro*, mas no manuscrito lê-se *diamom* (fl. 41 r).

Doilo — *Ulissipo*, fl. 21 v. É, sem dúvida, o esp. *duelo* (*dolu*). Cf. *moçoila* (esp. *mozuela*), *caçoila* (esp. *cazuela*). F. Torrinha (*Portucale*, jan.-abr. de 1948, 44) filia *doilo* no lat. *dolium*, o que não me parece bem.

Hoje está fora de uso.

Empenadada? — C. cita um passo da *Ulissipo*. Mas na ed. mais antiga que se conhece leio *empenada*, à fl. 29 v.

Escalfar — A origem é **excal(e)fare*. Eis um ex.: “O melhor modo de comer, os ovos he *escalfando-os* em água...” (Fonseca Henrique, *Âncora medicinal*, 2.ª ad., 1731, 139).

Fresta — Escreve C.: “Também podia derivar-se de... *festra*”. De facto essa forma está em Macróbio (III, 12, das *Sat.*) com o sentido de “*ostiolum minusculum in sacrario*”.

Mas as formas arcaicas portuguesas *fēestra*, *fresta* exigem *fenestra*, bem como as demais românicas.

Frozido (ou *frōzido*?) — Ainda não me foi possível conferir na 1.ª ed., o passo de Garcia d’Orta, referido por C. Mas parece tratar-se de erro tipográfico, por *frāzido*.

Fagar — Em vez de *halana* (ár.) leia-se *halaua*. O etimo da palavra (e do cat. *afalegar*, do esp. *halagar*) é porém, o adj. ár. *halak* = *liso*, *brunido*. Cf. Leo Spitzer, *Lexikaliches*, 1921, pág. 6-8.

Feita — Injúria. C. abona-se com os *Inéditos de Alcobaca* (vol. I, pág. 259).

Caso interessante de falsa decomposição: *des+feita*. Cp. *espír; estruír*.

Festinar — Embora registre assim o verbete, C. dá exemplos de *festiar*, isto é, *festinhar* (<*festinare*).

Framboesa — não do esp., como diz C., mas do fr. *Framboise*, numa época em que era pronunciado *framboese*. É o caso de *toesa* (fr. *toise*) e *oboé* (fr. *haut-bois*).

Garanhão. A origem não é o esp. *garañon*, nem este é der. de *equarius*. Já na lei sálica (Walde, 624) ocorre *guarani*, *onis*, de or. germ.

Garfar — Registrando esse verbo, escreve C.: arc. *agarrar*, *apanhar*?

Abona-se com estes passos: “In uno anno dat cordarium album... etc. garfam senebis”. (Inq., pág. 6, ano de 1220) “Et garfam de senebe” (id., ibid.).

Ora, parece-me que não há, nesses passos, nenhum verbo *garfar* e sim o subst. *garfa*, braçado, punhado, mancheia.

Senebe é a mostarda (<*sināpe*).

Gasnete — Corrija-se, no exemplo de J. F. de V., *gasneto* para *gasnete* (1618, fl. 173 r.).

Gentiis — Essa forma pressupõe, sem dúvida, o sing. *gentil*, correspondente a *gentio*<*genetium*.

De facto, esse singular ocorre nos *In. de Alc.* III, pág. 80.

Lila — Assim, de facto, está no *Vlissipo*, 1618, fl. 226.

Mas deve ler-se *lilá*, pois o sentido é claro.

Olfêgo — C. abona-se com a *Arte da Caça* (1616, fl. 52 r.).

Essa forma pressupõe uma anterior, *oufêgo*.

O substantivo é tirado do verbo *ofegar*, o qual se prende, plausivelmente, a uma raiz expressiva.

Orar — No sentido de adorar continuou o latim *adorare*, através de *aorar*, *oorar*.

Manser — Não se trata de infinitivo, como aliás, reconhece C., filiando essa forma ao lat. *manserit*. Não sei por que motivo ele a registrou.

Noitivo — C. dá-lhe o sentido de nocturno e abona-se com Tomé de Jesus, *Trabalhos*, 5.^a ed., 1.^o vol., pág. 297: “Porque allumiando tanto, estás tão encoberto a meus miseráveis olhos de coruja, e *noitivo*, que com o Sol diante menos vê?”

Mas na 1.^a (1602, fl. 127) e na 2.^a edições (1666, pág. 253) lê-se *noitivò* (<**nōctivóla*).

Paadeira — C. registra essa palavra como o sentido de *paadeira*, abonando-a com um passo das *Leges*. Diz, porém, que ela é arcaica, o que não corresponde à verdade; trata-se de uma pretensa latinização da forma *paadeira* (<*panataria*).

Palheredo — C. documenta-se com o seguinte passo: “Que os monges sempre sejam *palharedos*” (*In. de Alc.* 278).

Mas, como algures diz J. J. Nunes, trata-se de erro tipográfico, por *aparelhados* (*R. Lus.* 19, 335-6).

Paridade — C. dá-lhe o sentido de *cilada*, abroquelando-se neste texto do séc. XIV: “E forom descubertas a Sam Paulo as suas *paridades* deles”. (*In. de Alc.*, I 51).

Creio, porém, que deve ler-se *poridades* (<*puritates*), isto é, segredos, projetos secretos. A evolução semântica só pode explicar-se através do sentido medieval de “fidelidade” que facilmente passaria ao de “confidência”, “segrêdo” (cf. Spitzer, in *Revista de Filologia Española*, VIII, 1921, págs. 176-8); menos provável nos parece a explicação de Américo Castro, que vê em *poridade* decalque de uma forma do árabe: cf. o seu notável livro *La realidad histórica de España*, México, 1954, págs. 107-9. Cf. *apuridar*, “segredar”, em F. Lopes, *D. João*, 2.^a P., pág. 239.

Profação — C. escreve essa palavra com dois *cc*, e *-ão*, mas abona-a com este passo: “Eram dignos de sofrer *profaçom* pelo nome de Iesu Cristo”. (*In. de Alc.* I, 37).

Logo abaixo C. registra *profaço*, seguido deste ex.: perdoa os pecados sem *profaço* (*Leal Cons.*, pág. 168 da ed. Piel).

Não será *profaçõ*, com falta de *til*?

O significado é mais ou menos o mesmo, pois o original latino diz: *sine improperio*.

Malkiel dedicou um artigo a esse grupo hispânico: *The Ancient Hispanic Verbs posfaçar, porfaçar, profaçar. A Study in Etymology and Word-Formation* (in *Romance Philology*, III, 1949, 27-72).

Peella — De facto essa forma, que ocorre no Leal Conselheiro, fl. 16 r., pressupõe **pīlēlla*, de *pīlūla*, como **fibēlla* de *fibūla*.

Pererger? pergunta C. Deve ler-se, certamente, *perer-guer*, isto é, levantar, erguer.

O pref. *per* é reforçativo. Cp., averbados por C., *perandar*, *peracabar*...

Poenta — C. define-a como *bolos*, *pães*, e dá este exemplo: “Pose-lhe às costas hūu barril de vinho, e hūa almote-lia d’azeit, pam e queijo, e verças cozidas, e *poentas*”. (*In. de Alc.* III, pág. 143).

Ora, em latim, *polenta* era a farinha de cevada, que, torrada ao fogo, servia de alimentação às pessoas pobres.

Polmeira — Trata-se da forma arcaica da palavra *pulmoeira*, isto é, doença *dos pulmões*. O étimo é o lat. *pūlmonaria*, scil. *doença*.

Pouquetino — Essa palavra, que se lê nos *Inéditos*, I, 269, é má leitura. Deve ser *pouquetinho*, como se exemplifica na mesma obra, pág. 290, e em muitos outros textos arcaicos.

Primente — É, de certo, má leitura. Frei Fortunato não desfez abreviatura. Deve ser *primeiramente*.

Veguda — C. pergunta: *Vegada*? Certamente (<*vicāta*).

Entretanto, ao contrário do que diz, a palavra não está no lugar citado (*In. de Alc.* I, 254).

Tardinho — A fonte é, sem dúvida, o arc. **tardinho*, der. de uma base **tardīnu* por *tardīvu* (port. *tardio*). Cf. as expressões familiares (Brasil) à *tardinha* e *cedinho*.

Telhaça — C. pergunta: coberta de telha? Sem dúvida; bastará lembrar a casa *palhaça*, isto é, feita de palha. Cf., mais a casa *colmaça*, exemplificado pelo mesmo Cortesão; *ramalhoça*, (id., s. v.).

Tortozes — C. averba-se com um passo dos *Inéditos de Alc.*

Mas, como já advertiu Leite de Vasconcelos, pode tratar-se de erro tipográfico, por *tórtoras* (*türtüres*). Cf. Opúse. III, 132.

Em esp. há *tórtola* (*türtüra*, com diss).

Tutella? — Dessa maneira C. averba a palavra, abonando-a com um passo da *Arte da Caça*. Mas na ed. príncipe (fl. 30 r.) lê-se *titella* (<*titta*).

*
* * *

A principal actividade filológica de Júlio Moreira (1854-1911) está coligida nos *Estudos da língua portuguesa* (I, 1907; II, 1913, póstumo) onde se lêem preciosos capítulos acerca da sintaxe histórica e popular e de diversas questões de linguagem. Moreira trabalhava com método rigoroso e material abundante. Cf. mais J. P. Tavares, *Epifânio Dias e Júlio Moreira, editores e comentadores de textos latinos* (in *Humanitas*, II, 361-390).

O Dr. António G. Ribeiro de Vasconcelos, tão notável em outros ramos da Erudição, deixou-nos uma *Gramática histó-*

rica da língua portuguesa, s/d (1901), 230 págs., que prestou grandes serviços ao ensino. Cf. a substanciosa resenha de Leite de Vasconcelos, na *R. Lus.* VII, 149-154.

O Dr. António José Gonçalves Guimarães (1850-1919), posto que naturalista eminente, cultivou as letras, dando-nos edições de textos (*Cancioneiro Geral; Lusíadas*) e os seguintes trabalhos, onde se aprecia a solidez dos conhecimentos e a agudeza das interpretações: *Elementos de Gramática Latina pelo método histórico e comparativo*, 1.^a ed., 1900; 2.^a ed., 1907; *Breviário da pronúncia normal do latim clássico e rudimentos de métrica latina*, 1913; *Algumas reflexões sobre a ortografia portuguesa*, 1903; *Notas Filológicas* (I — andorinha, pintexilgo e roxinol; II — malapio, marmelo, amêndoa; nógado, pês-sego, maracotão, mira-olho; cotão, algodão; albricoque, damasco, alperxe) na *R. U. C.* I, 6-13; VI, 304-315; *Flexão do perfeito latino*, idem, I, 346-362.

Augusto d'Almeida Cavacas merece aqui uma referência, por ter deixado a útil monografia *A língua portuguesa e sua metafonía*, Coimbra, 1920, 190 págs. Não publicou mais nada, ao que nos conste.

Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922) foi orientalista insigne e deixou-nos obras imperecíveis: *Contribuição para a lexicologia luso-oriental*, Coimbra, 1916; *Gonçalves Viana e a lexicologia portuguesa de origem asiático-africana*, Lisboa, 1917; *Influência do vocabulário português em línguas asiáticas*, Coimbra, 1913; *Glossário Luso-Asiático*, I, 1919; II, 1921; *Dialecto indo-português de Ceilão*, Lisboa, 1900; *Dialecto indo-português de Goa*, Porto, 1900 (sep. da *R. Lus.* VI); *Dialecto indo-português de Damão*, Lisboa, 1903; *Dialecto indo-português do Norte* (Bombaim e subúrbios), Lisboa, 1916 (sep. da *R. Lus.* IX); *Dialecto indo-português de Negapatão*.

Cf. o artigo de Mariano Saldanha, *Monsenhor Dalgado. Esboço bio-bibliográfico* (com retrato), na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, I, 1933, 11-28, onde são citadas opiniões de Leite de Vasconcelos, Bloch e Meillet e a *R. Lus.* XXIV, 298-304; XXVI, 303-305, 311-323.

O Dr. João da Silva Correia, que morreu prematuramente em 1937, deixou vasta obra, orientada para os caminhos da Semântica, o que lhe confere um lugar muito próprio na Filologia portuguesa: *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*, Lisboa, 1927; *A rima e a sua acção linguística, literária e ideológica*, Lisboa, 336 págs.; *Reflexos filológicos dos sinais gráficos*, 1933; *A linguagem da mulher*, 1935, 149 págs. — entre outros menores e numerosos artigos de revista. Cf. a *RBF.* 3, I.

A respeito do Dr. Cláudio Basto, formado em Medicina, mas desde cedo atraído pela Filologia, convém ler a nota de Paiva Boléo, *RPF.* I, 1947, 622-624. Na revista *Portucale*, vol. 18, 1945, foi-lhe publicada a bibliografia que, entre livros e artigos, alcança 287 números.

O Prof. David de Melo Lopes (1867-1942), foi, sobretudo, notável arabista e deixou-nos, entre obras menores: *Textos em aljamia portuguesa. Estudo filológico e histórico*, 1897, 2.^a ed., 1940; *Toponímia árabe de Portugal* (in *Révue Hispanique*, X, 1902); *Os Árabes nas obras de Alexandre Herculano. Notas marginais de língua e história portuguesa* (sep. do *BSCACL*); *Toponímia árabe de Portugal* (in *R. Lus.* 24); *A expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Lisboa.

Cf., a respeito: Boléo, in *RPF.* II, 620-2; H. Cidade, na *RFL.* VIII, 12-16; J. P. Machado, na *Brotéria* 35, 67-72; id., no *Bullétin Hispanique* XLV, 81-83; C. Almeida de Carvalho, no

B. F. (Lisboa), VII, 427-429; Queiroz Veloso, in *BSC* XV, 222-234; O. Ribeiro, na *R. P. H.* II, 530-538; R. Ricard, nos *Mélanges David Lopes et Pierre de Cenival*, 7-14.

O Dr. José Maria Rodrigues notabilizou-se pelos seus estudos acerca de Camões e de alguns importantes problemas gramaticais.

Cf. *Fontes dos Lusíadas*, 1905; *Aparato Crítico* à ed. facsimilada de *Os Lusíadas* (1921, 50 págs); *Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas*, Coimbra, 1915, 122 págs. (trata-se da ed. de Epifânio); *Camões e a Infanta D. Maria*, Coimbra, 1910, 272 págs.; *A tese da Infanta nas líricas de Camões*, 6 fascículos, Coimbra, 1933-1934; *Introdução aos autos de Camões*, I, 1930, 22 págs. II, 1931, 28 págs.; *Pontos de contacto entre a linguagem do D. Quixote e a de Os Lusíadas*, 1931, 56 págs.; *O imperfeito do conjuntivo e o infinito pessoal no português* (in *BSC* VIII, 72-93); *Sobre um dos usos do pronome se: as frases do tipo vê-se sinais*, 1914, 14 págs.; *As frases do tipo: tenho dó de si; vou consigo, A sua origem e legitimidade*, 1933, 12 págs.

*

* *

De certo, nos fins do século XIX fulgiu em Portugal uma esplêndida geração, que se estendeu pelos vários ramos do espírito: são os "vencidos da vida" na Literatura, é Gama Barros na História, é Braamcamp Freire e Sousa Viterbo na Erudição, é Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Epifânio Dias na Filologia. No que tange a nossa Ciência empreendeu-se obra tão larga quanto profunda e segura: assim se ergueu, em bases sólidas, o edifício da Filologia Portuguesa. Levaram-se a cabo alguns trabalhos essenciais v. g. a Dialecto-

logia, a Gramática Histórica, e puseram-se os fundamentos a outros: O Glossário Arcaico e o Dicionário Etimológico, por exemplo. Hoje a Filologia tem novos aspectos e, em certa maneira, novos anseios. Já não preocupa tanto (mesmo porque é obra quase feita) o rigoroso estabelecimento das leis fonéticas.

Surgiu a Estilística, no sentido de Vossler, Bally e Spitzer; firmou-se a Geografia Linguística (Portugal e Brasil são terras virgens à espera desse arado filológico); tornou-se indispensável a *objectologia*, isto é, o estudo da "coisa" como pressuposto da explicação da palavra; surgiu toda uma nova linguística, a que se pode chamar *estructural* e tem raízes em Praga (Trubetzky e Jakobson), em Copenhague (Viggo Brondal) e nos Estados Unidos (Sapir e Bloomfield); a microfotografia revolucionou o processo e o método das edições diplomáticas; a sociologia linguística dia a dia se desenvolve.

Enfim, a Filologia incorporou-se, firmemente, no grupo das Ciências do Homem: forma com elas um todo, um bloco de conhecimentos uniformes e torna-se, ora um fim, ora um meio.

Creio que a moderna escola portuguesa, com um Paiva Boléo, um Rebelo Gonçalves, um Rodrigues Lapa, se enquadra perfeitamente nesses novos rumos.

Erguido o edifício da Filologia, consolidada como Ciência, reduzidos os seus factos a princípios rigorosos, afogado para sempre o empirismo, ainda que bem intencionado, dos Leonis e dos Madureira, impõe-se agora redecorar o prédio, organizar o *Atlas Linguístico-Etnográfico*, levantar o *Grande Dicionário*, escrever a *História da Língua* e, mais do que tudo, insuflar-lhe as ideias modernas, que colocam o espírito como fundamento e explicação de todas as realidades linguísticas.